



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS-ARAPIRACA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

ELAINE DA SILVA SANTOS

**A ABORDAGEM DO TEMA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA NUMA TURMA DE CURSO MÉDIO DA MODALIDADE EJA**

ARAPIRACA, AL

2023

ELAINE DA SILVA SANTOS

A ABORDAGEM DO TEMA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA NUMA TURMA DO CURSO MÉDIO DA MODALIDADE EJA

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação
em Letras-Português do Instituto Federal de
Alagoas *campus*-Arapiraca apresentado como
requisito para a obtenção do Título de
Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Araújo Lima
Cavalcante

ARAPIRACA, AL

2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Arapiraca

S237a

Santos, Elaine da Silva.

A abordagem do tema variação linguística no ensino de língua portuguesa numa turma de curso médio da modalidade EJA / Elaine da Silva Santos. – 2023.

1 PDF: il; color. : (1 arquivo : 682 kB).

Arquivo digital no formato PDF do trabalho acadêmico com 70 folhas.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Araújo Lima Cavalcante.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação, Licenciatura em Letras-Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2023.

1. Variação linguística. 2. Educação de jovens e adultos.
3. Abordagem pedagógica. 4. Salas de aula. I. Título.

CDD: 410

ELAINE DA SILVA SANTOS

A ABORDAGEM DO TEMA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA NUMA TURMA DO CURSO MÉDIO DA MODALIDADE EJA

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Letras-Português, do Instituto
Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras-Português.

Aprovado em: 30 / 11 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Sandra Araújo Lima Cavalcante (orientadora)
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Profª. Drª. Divanir Maria de Lima Reis
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Prof. Dr. Alisson Hudson Veras Lima
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por sempre ter planos para minha vida que vão além dos meus próprios sonhos.

Expresso minha sincera gratidão ao Instituto Federal de Alagoas Campus-Arapiraca, sua equipe docente, direção e administração por me oferecerem a oportunidade de enxergar um futuro promissor ancorado na meritocracia e ética que permeiam essa instituição.

Agradeço também à minha orientadora de TCC, a profa. Dra. Sandra Araújo Cavalcante, por me desafiar a ir além do que eu acreditava ser capaz e por sua generosidade em compartilhar conhecimento e amizade.

Além disso, sou grata ao professor Alisson Hudson Veras por sua orientação comprometida e humana ao longo do curso, assim como por suas belas gargalhadas inesquecíveis, e por agora fazer parte da minha banca avaliadora.

Menciono também e agradeço à profa. Divanir Maria de Lima Reis por todo o apoio, amor, confiança e empatia que me acompanhou durante todo o curso, mesmo quando eu não acreditava em meu próprio potencial. Sua presença significativa e suas palavras fizeram diferença na minha vida.

Agradeço de todo coração à minha mãe Maria, à minha irmã caçula Laiane e à minha filha Maria Lara pelo apoio nos momentos de dificuldade e cansaço. O amor de vocês me motiva diariamente.

Também sou grata ao meu namorado por seu constante amor e incentivo, e companheirismo em todos os momentos.

Expresso minha gratidão a toda a minha família e às amigas de curso Milena Gonçalves, Jaqueline Martinelli e Kaylla Hingredy, que me acompanharam nessa jornada.

Agradeço ainda aos informantes desta pesquisa (professora e alunos) que contribuíram para a coleta dos dados e o sucesso do trabalho. Muito obrigada a todos!

“[...] Sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador.”

(FREIRE, 1982).

RESUMO

A presente pesquisa tem como foco a análise da abordagem da variação linguística nas aulas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola no município de Junqueiro, Alagoas. O objetivo é compreender como essa variação é tratada em sala de aula e como isso afeta a aquisição de conhecimento por parte dos alunos. Para realizar essa investigação, foram utilizados métodos qualitativos, como observações em sala de aula e questionários aplicados a professores e alunos. Estes métodos permitiram uma compreensão mais aprofundada do fenômeno da variação linguística, assim como as percepções dos alunos em relação a ela e o conhecimento da docente sobre o assunto. Os resultados revelaram que a docente em questão demonstrou uma lacuna de conhecimento teórico em relação ao tema da variação linguística, além de não ter sido identificada a transposição didática desses conhecimentos em sua prática educacional. Esses achados destacam a importância de uma abordagem pedagógica que reconheça e valorize a diversidade linguística presente em sala de aula, promovendo inclusão e respeito. Além disso, ressaltam a necessidade de superar o preconceito linguístico e criar um ambiente educacional que seja afetivo para todos os alunos. A pesquisa baseou-se em estudos realizados na área da sociolinguística por Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (1999), na pedagogia voltada para a Educação de Jovens adultos defendida por Freire (1987, 1996), entre outros. Assim, temos o intuito de compreender como a questão da variação linguística pode ser abordada de maneira adequada e eficaz no contexto da sala de aula.

Palavras-chave: abordagem pedagógica; sala de aula; variação linguística.

ABSTRACT

This research focuses on analyzing the approach to linguistic variation in Youth and Adult Education (EJA) classes in a school in the municipality of Junqueiro, Alagoas. The objective is to understand how this variation is treated in the classroom and how it affects the acquisition of knowledge by students. To carry out this investigation, qualitative methods were used, such as classroom observations and questionnaires applied to teachers and students. These methods allowed for a more in-depth understanding of the phenomenon of linguistic variation, as well as students' perceptions regarding it and the teacher's knowledge on the subject. The results revealed that the teacher in question demonstrated a gap in theoretical knowledge regarding the topic of linguistic variation, in addition to not having identified the didactic transposition of this knowledge in her educational practice. These findings highlight the importance of a pedagogical approach that recognizes and values the linguistic diversity present in the classroom, promoting inclusion and respect. Furthermore, they highlight the need to overcome linguistic prejudice and create an educational environment that is affective for all students. The research was based on studies carried out in the area of sociolinguistics by Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (1999), on the pedagogy focused on Young Adult Education defended by Freire (1987, 1996), among others. Thus, we aim to understand how the issue of linguistic variation can be addressed appropriately and effectively in the classroom context.

Keywords: pedagogical approach; classroom; linguistic variation.

LISTA DE QUADRO E GRÁFICOS

- Quadro 1 - Conversas em linguagem: explorando o conhecimento da docente sobre as variações linguísticas.....51
- Gráfico 1 - Conhecimento dos estudantes sobre a expressão variação linguística.....54
- Gráfico 2 - Frequência com que a professora mencionou o termo “variação linguística” nas aulas de Português.....55
- Gráfico 3 - Registro da frequência em que a pronúncia e a escrita dos alunos foram “corrigidas” em sala de aula.....55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|--|
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| CEB | Câmara de Educação Básica |
| CNE | Conselho Nacional de Educação |
| CEE/AL | Conselho Estadual de Educação de Alagoas |
| CEE | Conselho Estadual de Educação |
| DIB | Diário Individual de Bordo |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| IBGE | Instituto de Geografia e Estatística |
| PCNS | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| MEB | Movimento de Educação de Base |
| MTE | Ministério do Trabalho e Emprego |
| NURC | Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta |
| PCIT | Projeto Coletivo de Intervenções no Território |
| PEUL | Programa de Estudos sobre o Uso da Língua |
| PNAD | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios |
| RAIS | Registro Anual de Informações Sociais |
| SEDUC | Secretaria da Educação |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| UFSC | Universidade Federal de Santa Catarina |
| VARSUL | Variação Linguística Urbana do Sul do País |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 16 |
| 2.1 | A VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA | 21 |
| 2.2 | UM RETRATO ACERCA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA | 26 |
| 2.3 | A QUESTÃO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO..... | 31 |
| 2.4 | PRÁTICAS DE ENSINO E SOCIOLINGUÍSTICA | 32 |
| 2.4.1 | Histórico e características da EJA | 35 |
| 2.4.2 | O ensino de Língua Portuguesa na sala de aula EJA | 39 |
| 3 | METODOLOGIA | 43 |
| 3.1 | A PESQUISA QUALITATIVA..... | 43 |
| 3.2 | ESTUDO DE CASO | 44 |
| 3.3 | INSTRUMENTOS DE PESQUISA | 45 |
| 3.3.1 | Procedimentos de análise de dados | 46 |
| 3.3.2 | Observação | 47 |
| 3.3.3 | Questionário | 48 |
| 3.4 | COMUNIDADE, INSTITUIÇÃO E PERFIL DOS INFORMANTES | 49 |
| 3.4.1 | Comunidade | 50 |
| 3.4.2 | Instituição de Ensino | 50 |
| 3.4.3 | Perfil da professora | 52 |
| 3.4.4 | Perfil dos alunos | 53 |
| 4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO | 55 |
| 4.1 | QUESTIONÁRIO APLICADO À PROFESSORA | 55 |
| 4.2 | QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS..... | 58 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 61 |
| | REFERÊNCIAS | 63 |
| | APÊNDICES | 67 |

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem apresentado uma lacuna no que diz respeito ao tratamento da diversidade linguística brasileira nas aulas de Língua Portuguesa. Essa falta de abordagem adequada contribui para a perpetuação de estereótipos, preconceitos e desigualdades sociais. É notório que muitos professores de Língua Portuguesa possuem escasso conhecimento sobre o assunto, além de demonstrarem pouca sensibilidade diante das diferentes formas de linguagem utilizadas por seus alunos.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), para uma pedagogia culturalmente sensível ao conhecimento do aluno, é importante que os professores identifiquem e conscientizem as diferenças na linguagem utilizada por ele. No entanto, muitos desses profissionais podem falhar na identificação dessas diferenças devido à falta de atenção ou conhecimento sobre as regras não padrão do português. Em alguns casos, os docentes podem ter essas regras em seu repertório linguístico, mas não reconhecem quando são utilizadas pelos alunos, especialmente em situações informais de comunicação. A conscientização dessas diferenças linguísticas é crucial para que os alunos possam monitorar e ajustar seu próprio estilo de linguagem, mas isso deve ser feito sem interromper o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, é fundamental respeitar as características culturais e psicológicas dos alunos nesse processo.

Diante disso, torna-se essencial que as aulas de Língua Portuguesa, especificamente nas turmas da EJA, priorizem atividades que abarquem a diversidade linguística presente no País. A partir dessa questão, elencamos a seguinte problemática da pesquisa: em que medida a abordagem do tema variação linguística pode otimizar o ensino de língua portuguesa em uma turma de Ensino Médio na modalidade educação de jovens e adultos (EJA), considerando as peculiaridades linguísticas e socioculturais dos Estudantes?

Já que, ao integrar estratégias pedagógicas que valorizem e contextualizam a variação linguística na sala de aula do curso médio da modalidade EJA, é possível estimular uma maior participação dos alunos, promover um ambiente inclusivo e facilitar a aprendizagem, visto que a compreensão e aceitação das diferentes formas de expressão linguística podem fortalecer a autoestima dos estudantes, tornando o processo educacional mais significativo e alinhado às suas vivências.

Logo, este estudo justifica-se pela relevância de contribuir com uma proposta de reflexão e debate acadêmico sobre o tratamento da abordagem da *variação linguística* no

contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no 3º período¹ do Ensino Médio. Além disso, busca-se identificar, por meio dos dados coletados, a abordagem das variedades linguísticas no contexto escolar atual, ampliando o debate iniciado por pesquisas anteriores, a exemplo da dissertação de mestrado de Glaucia Marinho (2020), intitulada “*Variação Linguística na 3ª fase da Educação de Jovens e Adultos: saberes e práticas*”, e no estudo “*Por que ensinar Variação Linguística nas aulas de língua portuguesa?*”, de Mariele Furtado (2019). Sendo que é fundamental fortalecer a discussão sobre esse tema para aprimorar o ensino da Língua Portuguesa. Além disso, é também necessário refletir sobre o fato de os professores de Língua Portuguesa que lecionam na EJA não receberem dos documentos oficiais orientações específicas de como trabalhar as variantes linguísticas nessa modalidade de ensino. Portanto, é imprescindível que haja preparação adequada desses profissionais para lidarem com a diversidade linguística e garantirem um ambiente educacional inclusivo e enriquecedor para todos.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é evidente a carência de conteúdos e diretrizes estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que não aborda adequadamente as necessidades e realidades dos adultos em busca da educação formal. Ao negligenciar a EJA, a BNCC, por exemplo, deixa de reconhecer a importância de tratar de questões relevantes para os estudantes dessa modalidade de ensino, cujas necessidades e interesses diferem consideravelmente dos estudantes no ciclo regular de escolarização. Assim, é essencial a construção e organização de diretrizes específicas para o ensino na EJA, que priorizem atividades abordando as variações linguísticas no português brasileiro.

É fundamental refletir sobre uma educação linguística inclusiva no contexto da EJA, visando promover uma transformação significativa no ensino e valorizar as diferenças linguísticas dos alunos. Paulo Freire (1996) destaca a importância de conscientizar e problematizar os preconceitos linguísticos presentes na prática educativa, desconstruindo a lógica de valorização única da norma culta. Os professores devem ser capacitados e sensibilizados para reconhecer e valorizar as diversas formas de expressão linguística dos alunos, contribuindo para uma aprendizagem significativa e minimizando os efeitos do preconceito linguístico.

De acordo com Possenti (1996), a norma não-padrão possui regras gramaticais compreensíveis, como evidenciado pela comunicação entre falantes considerados “jecas” ou “caipiras”. Isso levanta questionamentos sobre a suposta ignorância do povo “sem língua” em

¹ Os dados da pesquisa foram coletados, conforme já mencionado, numa turma de EJA **Modular**, sendo assim classificada não por série, mas por **período**.

contraposição aos conservadores de uma língua arcaica. Afinal, o Brasil é um país independente e não uma colônia de Portugal.

A dinâmica de reprodução da discriminação linguística, muitas vezes realizada pelos professores, possivelmente é um reflexo do poder atribuído a eles como detentores absolutos do conhecimento. Ao corrigir de forma crítica a forma de falar e de se expressar dos alunos, desvalorizando e desencorajando aqueles que não utilizam corretamente as regras da gramática normativa², os educadores perpetuam a discriminação linguística.

Diante dessa realidade, o presente trabalho tem como objetivo identificar e, conseqüentemente, analisar a forma de abordagem do tema *variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*, buscando compreender a prática pedagógica docente em relação a este assunto. Além disso, identificar a experiência e percepção dos alunos em relação ao tema. Assim, pretende-se também analisar em que medida o discente compreende a diversidade linguística no Brasil.

O estudo foi realizado em uma turma da EJA, na qual existe uma diversidade linguística significativa, com o intuito de contribuir para a reflexão dos professores sobre a importância de valorizar as diferentes formas de expressão linguística presentes na sala de aula, especialmente na modalidade de ensino mencionada. Para atingir esse objetivo, foi adotada uma abordagem qualitativa, que busca compreender de forma individual e específica os fenômenos estudados, em vez de simplesmente explicá-los, conforme descrito por Rampazzo (2002).

A coleta de dados consistiu em observações das aulas e aplicação de questionários à professora e aos alunos colaboradores, a fim de identificar as práticas pedagógicas adotadas em relação às variantes linguísticas e as percepções e experiências dos alunos em relação ao preconceito linguístico. Essa abordagem permitiu confrontar as respostas obtidas das duas categorias de informantes durante a análise dos dados. Esta pesquisa consiste em um estudo de caso, que é a estratégia preferida quando se busca compreender os fenômenos contemporâneos em algum contexto da vida real e quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos, conforme definido por Yin (2001).

Neste estudo, foram considerados os autores que discutem sobre a EJA e aqueles que têm relevância no campo da sociolinguística, como Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (1999), Freire (1987, 1996) entre outros. A análise do tratamento dado a esse tema visa que professores, alunos e futuros educadores reflitam sobre o conhecimento e a utilização da *variação linguística*

² [...] A Gramática Normativa busca a padronização da língua, indicando através de suas regras como devemos falar e escrever corretamente. Aqui a abordagem privilegia a prescrição de regras que devem ser seguidas, desconsiderando os fatores sociais, culturais e históricos aos quais estão sujeitos os falantes da língua. Disponível em <https://www.portugues.com.br/gramatica>. Acesso em 07 dez. 2023.

no contexto escolar. Ao abordar esse tema em sala de aula, os professores podem oferecer aos alunos a oportunidade de identificar a norma culta e conhecer as diferentes variantes da língua portuguesa, transitando entre elas, uma vez que a língua sofre variações e adaptações, especialmente no âmbito da escrita.

Além disso, esta pesquisa foi realizada em uma escola pública na cidade de Junqueiro-Alagoas, devido ao fato de as escolas públicas atenderem a um maior número de estudantes de diferentes origens socioeconômicas, étnicas e culturais, refletindo a diversidade da comunidade em que estão inseridas. Acredita-se que este trabalho possa contribuir para ampliar o debate sobre o preconceito linguístico, que como afirma Bortoni- Ricardo (2004, p. 08) “[...] estamos diante de *diferenças* e não de “erros”. A noção de “erro” nada tem de linguística”. Assim, sob um enfoque puramente linguístico, é preciso reconhecer que o conceito de erro não se aplica, uma vez que a língua oferece múltiplas possibilidades de usos.

Sendo assim, este estudo justifica-se pela relevância de contribuir com uma proposta de reflexão e debate acadêmico sobre *o tratamento da abordagem da variação linguística no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no 3º período do Ensino Médio*. Além disso, busca-se contribuir por meio dos dados coletados, sobre como as variedades linguísticas estão sendo abordadas no contexto escolar atualmente, ampliando o debate iniciado por pesquisas anteriores, aqui já mencionadas, uma vez que é fundamental fortalecer a discussão sobre esse tema para aprimorar o ensino de Língua Portuguesa, considerando ser a língua parte integrante da nossa cultura.

A constatação de que este seria o tema desta pesquisa surgiu a partir de uma experiência vivida por um membro da família da pesquisadora durante sua mudança para o Espírito Santo, estado da região Sudeste do Brasil. Ao se matricular em uma escola do Estado, ele foi alvo de “chacotas” em sala de aula pelo professor de Língua Portuguesa, que não demonstrava respeito ao seu modo de falar, ao sotaque característico da região nordeste e da comunidade de fala do aluno.

Ao ouvir os relatos das atitudes desse educador³, tornou-se evidente a importância da compreensão do docente sobre a variação linguística, bem como a abordagem desse assunto em

³ Compartilhamos da opinião de Bagno (1999), quando diz que um falante do Sudeste tende a achar engraçado, ridículo ou errado ouvir um falante da zona rural nordestina pronunciar a palavra escrita “OITO” como [oytʃu]. Do ponto de vista linguístico, o fenômeno é o mesmo, ou seja, a palatalização, mas o elemento provocador dessa palatalização, o [y], está antes do [t] e não depois dele. Por que então, na boca de um é considerado “normal” e na boca de outro é considerado “engraçado”, “feio” ou “errado”? A resposta está no fato de que o que está em jogo não é a língua em si, mas sim a pessoa que a fala e a região geográfica onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é estereotipado como “atrasado”, “pobre” ou “subdesenvolvido”, então naturalmente as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas dessa forma.

sala de aula. O não conhecimento destas questões resultou em desconforto e desistência por parte desse educando. Logo, é indiscutível a necessidade de enfrentamento de situações de ridicularização devido à forma de comunicação dos sujeitos, uma vez que não se escolhe a região de nascimento, tampouco a cultura e particularidades presentes em cada local.

Diante disso, ficou notória a importância de defender e abordar este assunto, com o intuito de conscientizar e sensibilizar educadores e a sociedade em geral sobre a diversidade linguística e cultural, e seus impactos na educação e na convivência em sociedade.

Dentro dessa perspectiva, o estudo aqui apresentado estrutura-se da seguinte forma: o primeiro capítulo discorre sobre a fundamentação teórica, enfatizando estudos voltados à sociolinguística e também à EJA; o segundo capítulo destina-se à metodologia da pesquisa realizada; no terceiro capítulo, trazemos as discussões e análises da abordagem das variações linguísticas em sala de aula pela docente e percepções dos discentes sobre a temática; por fim, as considerações finais refletem sobre a pesquisa realizada, levantando questionamentos acerca da temática estudada, e sugerindo ações que possam contribuir para o desenvolvimento de uma metodologia de ensino que valorize as variações linguísticas ocorrentes em salas de aula da EJA, uma vez que é possível também estudar e compreender a Língua Portuguesa por meio dessas variedades.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos últimos anos, os linguistas têm desempenhado um papel fundamental ao identificarem a prática pedagógica de minimizar a diversidade linguística dos alunos, muitas vezes repreendendo-os por não empregarem a norma linguística ensinada pela escola. Nesse contexto, é necessário adotar uma abordagem pedagógica que seja culturalmente sensível ao conhecimento dos alunos, reconhecendo as diferenças entre a cultura dos estudantes e o que dita a gramática normativa do português brasileiro. Além disso, é essencial que haja uma preocupação de órgãos do governo, quer seja federal, estadual ou municipal e também nas universidades de maneira geral, já que esse pensamento sobre falar errado não deve ser desmistificado apenas pelos professores de Língua Portuguesa, mas por todo o corpo docente das mais diversas áreas, quanto a orientar claramente os professores sobre a conscientização dos alunos no que diz respeito à *variação*⁴ linguística no Brasil.

Do mesmo modo, ressalta-se a importância de um ensino, em sala de aula, eficaz para a aprendizagem e a internalização dos conteúdos, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos em relação a variável⁵ linguística e à norma-padrão. Assim, é imprescindível abordar o conceito de variação linguística, aspecto enfatizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que servem como um guia de referência para o ensino. Conforme os PCNs:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (Brasil, 1998, p. 29).

Com base na argumentação presente no Documento, fica evidente a importância de a escola ser um ambiente acolhedor para os estudantes, onde eles se sintam parte integrante e tenham suas formas de expressão oral valorizadas e respeitadas. Além disso, é fundamental que a

⁴ A expressão “variação” denota o processo abstrato pelo qual ocorrem modificações em todas as línguas, conforme descrito por Frangiotti em 2014.

⁵ Ao explorarmos o conceito de variável, destacamos a distinção entre variável dependente e independente. A variável dependente está intimamente relacionada ao fenômeno de variação, enquanto a variável independente engloba elementos intrínsecos à língua, como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, discurso e vocabulário, além de fatores externos como geografia, meio de comunicação, gênero, nível educacional, classe social, formalidade e contexto discursivo, conforme delineado por Frangiotti em 2014.

escola promova o respeito à diversidade de ideias e às diferentes variações linguísticas, conforme mencionado por Travaglia (1997).

Quando uma pessoa se expressa oralmente, sua comunicação vai além da simples emissão de palavras e sons. Ela também utiliza nuances complexas, como entonação, ritmo e pronúncia, que são elementos essenciais desse ato de comunicação. É válido salientar que a forma como alguém fala é influenciada por diversos fatores, incluindo seu grupo social, e essa diversidade linguística não pode ser encarada como erro na comunicação. Assim, diante de elementos internos e externos à língua materna, bem como as mudanças trazidas pelos meios de comunicação, a língua portuguesa tem se adaptado a uma sociedade em constante evolução. No entanto, essa adaptação pode gerar conflitos para os alunos quando eles chegam à escola e se deparam com diferenças em relação ao conhecimento linguístico que já possuíam em suas comunidades de fala, gerando assim episódios de preconceitos recorrentes que presenciamos nas escolas brasileiras. Por isso “os professores e por meio deles os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15).

Ao se deparar com a imposição da norma linguística pela escola, percebe-se um embate entre a abordagem prescritiva adotada e a realidade da variação linguística. A falta de conhecimento dos professores sobre essa questão se torna um dos principais obstáculos para que os estudantes consigam identificar, analisar e compreender o funcionamento da língua escrita e a leitura dos seus códigos. Nesse contexto, é pertinente que os educadores possuam conhecimento sólido e atualizado sobre a norma padrão⁶ e a variação linguística. Somente assim será possível proporcionar aos alunos uma educação que vá além da aquisição linguística, assegurando que estes desenvolvam habilidades críticas e analíticas em relação aos fatores que moldam suas formas de expressão. Visto que é por meio desse processo de aprendizado, que os estudantes poderão percorrer por caminhos enriquecedores, adquirindo uma visão mais profunda e abrangente das variações linguísticas.

Segundo Bagno no que diz respeito à diversidade linguística:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem

⁶ Norma-padrão é a construção abstrata e idealizada de uma determinada língua, encontrada nas gramáticas tradicionais (derivando-se daí regras a serem seguidas), com o objetivo de servir de referência a “projetos políticos de uniformização linguística”, como pontua Faraco (2008, p. 75).

suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão. (Bagno, 1999, p.18).

Nesse sentido, é necessário que os professores em sala de aula adotem uma abordagem mais aprofundada e comprometida com essa área específica da língua portuguesa. Compreender a variação linguística é essencial para a formação do aluno, garantindo sua capacidade de se comunicar de forma eficiente e respeitando os diferentes modos de expressão presentes na sociedade, já que muitos “[...] alunos chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome” [...]” (Bortoni-Ricardo, 2005, p.15). Assim, torna-se fundamental que o ambiente escolar compreenda a importância desse fenômeno e trabalhe em consonância com ele, promovendo atividades que estimulem a reflexão e o respeito à diversidade linguística, sem cometer o preconceito linguístico, o qual é uma realidade presente na sociedade e no ambiente escolar. Este ocorre quando um grupo socialmente privilegiado impõe um único padrão linguístico como correto e desqualifica todas as outras formas de expressão como erradas e inferiores, sendo, uma das principais metas das estratégias de comunicação do falante esse ato de transmitir ao locutor sua posição social em uma comunidade específica.

Posto que as pessoas utilizam a linguagem para serem ouvidas, ganharem respeito e exercerem influência no ambiente onde se comunicam. Assim concordamos com (Gnerre, 2003), quando diz que a valorização de uma variedade⁷ linguística está relacionada ao poder e à autoridade de seus falantes nas relações econômicas e sociais. Pois, como menciona (Bagno, 1999). Em muitas sociedades, os grupos dominantes, detentores do poder político, econômico e cultural, consideram sua língua como sendo mais correta, bonita e cultivada. Entretanto, é importante desconstruir essa visão equivocada e entender que as diferenças linguísticas não são erros, mas sim manifestações da diversidade cultural e social de um país e que todas as formas de comunicação são válidas e merecem respeito. Sendo assim, é importante valorizar e respeitar todas as formas de variações linguísticas, independentemente se esta se encaixa ou não no padrão linguístico considerado “correto”. Além disso, é necessário trabalhar a conscientização sobre o preconceito linguístico junto aos alunos, e isso pode ser feito através de atividades pedagógicas, que promovam a reflexão e debates sobre o tema. Nesse sentido, concordamos com Bagno quando menciona que:

⁷ Variedades linguísticas são realizações linguísticas em comunidades específicas. Disponível em https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/13214528042015Sociolinguistica_Aula_2.pdf. Acesso em 09 dez, 2023.

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (Bagno, 2002, p. 134).

Nesse viés, é ponderoso que a escola seja um ambiente inclusivo e que valorize a diversidade linguística em todas as suas formas. Pois isso permite a livre expressão de diferentes gêneros textuais e variedades linguísticas, independentemente se são oriundos de contextos rurais ou urbanos, orais ou escritos, formais ou informais, cultos ou não-cultos. Como também, é importante que a escola esteja aberta a utilizar como ferramenta de ensino gêneros orais, escritos, tecnológicos, e textos multissemióticos. Como afirma Rojo e Moura (2012, p. 19) os textos multissemióticos são todos os “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar.”, nos quais a língua pode ser utilizada. A fim de trabalhar as funções linguísticas, para que o educando compreenda seus usos, e não menosprezem as variações linguísticas de seus pares, para que assim este não ressalte os feitos degradantes causados pelo efeito do preconceito linguístico em sala de aula, por não compreenderem que as línguas possuem características de serem dinâmicas, e que sofrem influências históricas e regionais sobre os falares, provindo graves repercussões, uma vez que promove uma visão negativa das variedades linguísticas que possuem menor status social.

Além disso, o preconceito do qual tratamos é influenciado por aspectos sociais, econômicos, regionais e culturais, o que pode resultar em exclusão social e discriminação para aqueles que falam uma variedade linguística considerada “inferior”. Portanto, é imprescindível que a escola não apenas abra espaço para a diversidade linguística, mas também minimize os efeitos do preconceito linguístico, a fim de promover um ambiente inclusivo e respeitoso para todos os falantes da língua portuguesa. Como afirma Bortoni – Ricardo (2005):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15).

Em vista disso, é necessário que a escola reconheça e valorize a igual validade de todas as formas de linguagem, respeitando a diversidade linguística como um direito fundamental (Bagno, 2007). Logo, toda instituição de ensino e seu corpo docente devem ter uma compreensão mútua sobre as diferentes variedades linguísticas, para que assim todos os

indivíduos possam se expressar livremente e serem reconhecidos como membros igualmente importantes de uma sociedade diversa.

É função da escola também garantir um ambiente propício para que o aluno possa desenvolver seus conhecimentos na área da linguagem, incluindo a capacidade de refletir sobre os fenômenos da língua, especialmente aqueles relacionados à variedade linguística. Além de combater a estigmatização, discriminação e preconceitos em relação ao uso da língua. (Brasil, 1998a).

Mas, quando falamos em preconceito linguístico, é importante ressaltar que o mesmo está relacionado diretamente à confusão entre a língua e a Gramática normativa, que foi criada ao longo da história. No entanto, devemos esclarecer que a língua é viva, variada e constitutiva, e essa diversidade sempre existiu e continuará a existir, independentemente de qualquer ação normativa, ela evolui junto com o homem. A gramática normativa não é apenas um conjunto de regras a seguir, mas sim um sistema de discussão e trabalho contínuo. E, sendo assim, devemos desfazer essa confusão e compreender que a variação linguística é natural e enriquece a nossa sociedade, para que todos os indivíduos possam se expressar livremente. Assim, ao abordarmos a questão da “Língua Portuguesa”, é importante compreendermos que estamos lidando com um instrumento de comunicação composto por diversas variantes linguísticas. Contudo, esse fenômeno se manifesta tanto em afirmações negativas quanto em afirmações bem-intencionadas. Tal constatação revela que o preconceito linguístico não se limita apenas a estereótipos negativos, mas pode ser perpetuado mesmo por pessoas que têm boas intenções. Com relação a esse aspecto Bagno (2007), afirma que:

[...] o preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade (Bagno, 2007, p. 13).

No entanto, no atual cenário da sociedade brasileira, a prática de valorizar a diversidade linguística em sala de aula vem se intensificando a cada dia, porém, infelizmente, ainda é pouco debatida e muitas vezes relegada a segundo plano pelas instituições de ensino. Estas, por sua vez, priorizam o ensino tradicional. Esse método de ensino se fundamenta em verdades pré-estabelecidas, os quais consistem em valores sociais acumulados historicamente. Estes conteúdos são definidos pela sociedade e regulamentados na legislação, sem considerar a experiência do aluno ou as realidades sociais e enaltecem a gramática normativa, e aqueles que

vêm de áreas rurais para estudar na cidade são frequentemente alvo de desprezo, chacotas e preconceitos, o que dificulta a expressão de suas ideias e conhecimentos. Onde a variante⁸ linguística considerada de prestígio acaba ganhando destaque e sendo vista como a mais adequada. Vale acentuar que a escola, ao abordar apenas o que está mais próximo da variante utilizada pela elite, contribui para a situação apresentada.

Portanto, é importante que as instituições de ensino repensem suas práticas e passem a valorizar e incluir a diversidade linguística em suas propostas pedagógicas. Pois, é fundamental que os estudantes se sintam respeitados em sua forma de se comunicar e que tenham a oportunidade de mostrar seus saberes e contribuições para a sociedade. Já que, somente assim, será possível criar uma educação mais inclusiva, justa e igualitária. Uma vez que, a escola, ao ensinar a língua, pode gerar distanciamento entre os alunos, pois promove uma visão homogênea da mesma. No entanto, é importante que o estudo da língua seja realizado de forma abrangente, considerando sua realidade e sem se limitar apenas às regras gramaticais. Para mais, é necessário compreender a formação histórica da língua, suas variações geográficas e as influências socioculturais que moldaram seu desenvolvimento.

Além disto, acredita-se que o preconceito linguístico pode ser atenuado por meio da metodologia utilizada no ensino da língua, porém, muitas vezes essa abordagem é limitada e acaba priorizando um determinado padrão linguístico, deixando de lado as variáveis linguísticas individuais. Ademais, é importante compreender que a gramática é apenas uma parte da linguística e não deve ser considerada como a única forma correta de uso da língua escrita pelos docentes, mas sim como um aspecto dentro de um conjunto linguístico mais amplo.

2.1 A VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é uma área de estudo que se dedica a examinar a linguagem falada em contextos socialmente construídos, dando ênfase à diversidade linguística. Seus primeiros estudos surgiram no período de 1950 e contaram com a contribuição de importantes pioneiros como Uriel Weinreich, Charles A. Ferguson e Joshua Fishman. Uriel Weinreich, por exemplo, é conhecido por seu trabalho no livro *“Languages in Contact: Findings and Problems”* (1953). Nessa obra, ele aborda a influência do contato entre línguas e as mudanças linguísticas que

⁸ Tarallo diz que “as variantes de uma comunidade encontram-se em relação de concorrência: padrão vs. não padrão, conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros do grupo social”. (Tarallo, 1986, p. 11-12).

resultam desse fenômeno. Weinreich foi um dos primeiros a investigar o surgimento de creoles e pidgins como resultado do contato entre diferentes línguas. Outro pesquisador importante nessa área é Charles A. Ferguson, responsável por realizar estudos sobre diglossia. Segundo sua descrição, a diglossia ocorre quando duas variantes linguísticas coexistem em uma comunidade, com uma sendo utilizada em situações formais e a outra em situações informais. Ademais, Ferguson desenvolveu o conceito de bilinguismo compreensivo, que se refere à habilidade de compreender uma segunda língua, mesmo sem conseguir produzi-la. Joshua Fishman também contribuiu de forma significativa para a Sociolinguística. Ele se destacou em estudos sobre a vitalidade das línguas, introduzindo o conceito de bilinguismo intergeracional. Esse conceito descreve a situação em que as crianças não aprendem a língua de seus pais, o que pode levar à ameaça de extinção dessa língua. Além disso, Fishman desenvolveu a teoria da recuperação de línguas, com o objetivo de revitalizar línguas em declínio.

Ademais, esse ramo da linguística se consolidou como uma disciplina fundamental para compreender a complexa relação entre língua e sociedade, ao investigar como os fatores sociais, como idade, classe social, gênero, etnia e contexto de uso influenciam o uso da linguagem e a variação linguística. Dessa forma, a mesma permite uma compreensão mais ampla e aprofundada da interação entre língua e sociedade. Um dos conceitos fundamentais para esta disciplina é o de comunidade de fala ou linguística, que se refere a um grupo de indivíduos que se comunicam verbalmente e compartilham um conjunto de normas em relação ao uso da linguagem. Como bem nos assegura Cezario; Votre (2008), a disciplina Sociolinguística,

estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para esta corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. (Cezario; Votre, 2008, p. 141).

As normas presentes na disciplina incluem aspectos como pronúncia, vocabulário e sintaxe, que são influenciados por fatores sociais, culturais e históricos. A compreensão desses conceitos é importante para a análise das dinâmicas sociais e das interações linguísticas presentes nas comunidades de fala, a qual pode ser definida como um “[...] conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos”. (Alkmim, 2005, p. 31).

A Sociolinguística ainda abrange diversas temáticas relacionadas à linguagem, tais como a diversidade e a evolução linguística, o bilinguismo, o contato entre diferentes línguas, as línguas minoritárias, bem como a

política e o planejamento linguístico. No Brasil emergiu na década de 1960, impulsionada pelo cenário sociopolítico da época e pelos avanços teóricos e metodológicos que estavam ocorrendo na disciplina em outros países, como nos Estados Unidos e na Europa. Esse período foi marcado por uma crescente fascinação em compreender as complexas interações entre língua e sociedade, bem como as nuances das variações linguísticas que ocorrem dentro de um contexto social⁹. Diante disso, William Labov, foi sinônimo de referência na Sociolinguística mundial, e também exercendo influência na Sociolinguística brasileira com seu trabalho inovador na análise da variação e mudança linguística, e na relação entre a linguagem e o contexto social para compreender as diversas variações nos sistemas linguísticos, servindo de inspiração para pesquisadores brasileiros aplicarem suas metodologias e conceitos em estudos sociolinguísticos no contexto nacional. Labov trouxe ainda uma abordagem científica rigorosa que possibilitou uma compreensão mais profunda das variações linguísticas e dos fatores sociais que as influenciam. Como bem colocam Cezario e Votre (2009, p. 142):

Uma das contribuições da pesquisa sociolinguística [variacionista] foi a constatação de que muitas formas não-padrão também ocorrem na fala de pessoas com nível superior, principalmente em momentos mais informais. Graças à sua metodologia de análise da língua em situação real de comunicação, a sociolinguística consegue medir o número de ocorrências de uso em relação a essa variante. Assim, por exemplo, num estudo sobre a concordância verbal que se iniciou com a fala de analfabetos adultos do Rio de Janeiro na década de 1970, constatou-se que, ao lado da variante “As meninas brincam no quintal”, os analfabetos privilegiaram o uso de “As menina brinca no quintal”.

Isto posto, notamos que a pesquisa em sociolinguística mostra que as pessoas com maior nível educacional também utilizam formas não-padrão da língua em contextos informais, e que por meio dessa metodologia, é possível medir e analisar a ocorrência dessas variantes em diferentes grupos sociais. E isso evidencia que a variação linguística não está limitada a grupos socialmente desfavorecidos.

No Brasil, a pesquisa de cunho variacionista teve seu início na década de 1970 por meio de projetos como o Mobral Central¹⁰, Projeto da Norma Urbana Culta (NURC) e Projeto Censo de Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro (CENSO). Essas iniciativas foram coordenadas por Miriam Lemle, Celso Cunha e Anthony Naro, respectivamente. Posteriormente,

⁹ De acordo com Bortoni (2014), a língua, inclusive a portuguesa, é, por si mesma, uma instituição social e, como tal, o domínio dos seus mecanismos é uma das formas, em geral, requeridas para acesso aos postos importantes da sociedade.

¹⁰ Surge na época do regime militar o movimento de alfabetização “Mobral”, no intuito de erradicar o analfabetismo no Brasil (Bello, 1993). O método adotado pelo Mobral era o de ler e escrever, com o mesmo intuito do precursor da Educação de Jovens e Adultos. Freire, que sempre lutou pelo fim da Educação elitista, com o objetivo de desenvolver uma Educação libertadora e democrática, que visava partir da realidade vivida do estudante (Gadotti, 1998; Feitosa, 2008).

esses projetos foram incorporados por várias universidades brasileiras, como a continuação do NURC na UFRJ através do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul) e o projeto Variação Linguística da Região Sul (Varsul - UFSC/UFRGS). (Cezario; Votre, 2009).

Na área da sociolinguística, também são encontrados estudos internacionais, propostos por Gumperz nos anos 70. Essa abordagem é baseada em uma perspectiva interdisciplinar, incorporando conceitos de linguística, antropologia e sociologia. O principal objetivo desses estudos é analisar a relação entre a linguagem utilizada e as interpretações resultantes da interação em situações reais. Além disso, surgiram duas áreas de pesquisa relacionadas: a análise da conversação, que investiga a interação verbal, e a etnografia da comunicação, que busca compreender as características culturais presentes nas práticas comunicativas. Segundo Oliveira; Silva (2003, p. 25-26), podemos definir a teoria de Gumperz por três palavras-chave:

- (a) intencionalidade – de natureza racional, baseada em regras e convenções sociais;
- (b) interpretação – relacionada com a negociação de significados, com a partilha de conhecimento e de intenções entre os falantes;
- (c) significado social – pertinente ao sentido da comunicação, alcançado pelo participante do processo interacional por meio de seus conhecimentos socioculturais.

Assim, a intencionalidade se refere ao fato de que a comunicação humana é realizada com propósitos e objetivos específicos, sendo influenciada por regras e convenções sociais. A interpretação, por sua vez, está relacionada com a negociação de significados, ou seja, os falantes precisam compartilhar conhecimentos e intenções para que a comunicação seja bem-sucedida. Isso envolve entendimento mútuo, ajustes e adaptações durante a interação. Já o significado social destaca a importância do contexto sociocultural na interpretação da comunicação. Logo, o sentido da comunicação só pode ser plenamente compreendido quando se leva em consideração o conhecimento e as referências culturais dos participantes. Sendo assim, Gumperz, por meio de suas análises, busca compreender a complexidade das interações linguísticas a partir de uma perspectiva sociocultural.

Os estudiosos da Sociolinguística brasileira também se destacaram, dentre eles Marcos Bagno, um renomado linguista, que se dedicou a investigar como a língua se transforma ao longo do tempo, levando em consideração fatores sociais, históricos e culturais, assim, seus estudos têm ajudado a entender como as variações linguísticas surgem e se perpetuam, bem como o impacto que elas têm na sociedade e nas relações interpessoais. Além disso, Bagno tem

sido um defensor ardente da valorização da diversidade linguística e da superação do preconceito linguístico. Ele acredita que todas as formas de falar são válidas e merecem respeito, e tem trabalhado incansavelmente para conscientizar as pessoas sobre a importância de valorizar e preservar a pluralidade linguística do Brasil. Por meio de sua dedicação e paixão pelo assunto tem deixado uma marca significativa na área. Por sua vez, destaca-se também, Stella Maris Bortoni-Ricardo, uma grande sociolinguista do país, a qual contribui com a aplicação da sociolinguística Educacional em programas de formação de docentes para o ensino da língua materna. Vale frisar que a corrente educacional defendida pela referida estudiosa busca compreender e analisar a variação linguística presente no português brasileiro, investigando seus efeitos no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

De acordo com Bortoni-Ricardo,

o estudo de fenômenos linguísticos no ambiente escolar deve buscar responder a questões educacionais. Estamos interessados em formas linguísticas somente na medida em que, por meio delas, podemos obter uma compreensão dos eventos de sala de aula e, assim, da compreensão que os alunos atingem. Nosso interesse reside no contexto social da cognição, em que a fala une o cognitivo e o social. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 119).

Diante disso, Bortoni-Ricardo (2005) estabelece práticas de linguagens significativas para todos os alunos, independentemente da sua origem social, de modo a evitar que se sintam estrangeiros em relação à língua utilizada na escola. Assim, a inclusão destes alunos se faz necessária para que possam participar de forma satisfatória das diferentes práticas sociais que demandam conhecimentos linguísticos diversos. Nesse ramo também se sobressai Carlos Alberto Faraco (2008) que contribui com sua expertise na área da Sociolinguística e da Linguística Aplicada, pois seus estudos abordam a relação entre língua, sociedade e educação, oferecendo percepções valiosas para a compreensão dos desafios linguísticos enfrentados pelas comunidades marginalizadas no Brasil.

Assim sendo, os estudos sobre a variação linguística no Brasil lançaram luz sobre as complexidades das diferentes formas de falar presentes no país, desafiando visões estereotipadas e promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade linguística, onde cada um à sua maneira deixaram marcas indelévels na Sociolinguística brasileira, impulsionando o campo de estudo e promovendo uma visão mais abrangente e inclusiva da relação entre língua e sociedade. Seus trabalhos continuam a influenciar gerações de pesquisadores, consolidando o

Brasil como um importante centro de estudos sociolinguísticos e contribuindo para o avanço do conhecimento nessa área.

Os referidos teóricos mergulharam nas profundezas do tecido sociolinguístico do país, desvendando os intrincados laços entre língua, identidade, poder e cultura. Ao longo dos anos, esses pesquisadores desenvolveram abordagens inovadoras, adaptando-as para a realidade cultural e linguística brasileira, e contribuindo significativamente para o avanço da disciplina em nível global. Vale mencionar que, para um sociolinguista, é relevante e significativo o fato de uma comunidade ou de um indivíduo utilizar tanto a forma “tu” quanto “você” em sua fala. Visto que essa variação não é marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e avanço do conhecimento, é sobretudo uma variação linguística natural e não compromete o funcionamento adequado do sistema linguístico nem a capacidade de comunicação entre os falantes, já que as palavras ou construções que variam têm um significado social rico e são capazes de transmitir mais do que um simples significado representacional, pois as diferentes formas que utilizamos ao falar e escrever revelam características sobre nós mesmos, como a nossa origem geográfica e o nosso nível de inserção na cultura letrada dominante da sociedade.

2.2 UM RETRATO ACERCA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL

A língua, assim como a humanidade, está em constante evolução e transformação ao longo do tempo, ela se adapta e varia de acordo com os diferentes contatos entre os indivíduos de uma comunidade universal. Assim, por ser um objeto histórico, a mesma está sujeita a mudanças e diversificações ao longo do tempo e do espaço, e está presente em todas as comunidades, desde pequenas, como bairros rurais, até grandes metrópoles, estados e países.

Assim, concordamos com Bortoni-Ricardo quando diz que

o grau dessa variação linguística será maior em alguns domínios do que em outros. Por exemplo, no domínio do lar ou das atividades de lazer, observamos mais variação linguística do que na escola ou na igreja. Mas em todos eles há variação, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 25).

Essa variação ocorre devido a diversos fatores, como diferenças entre gerações. Por exemplo, avós podem falar de forma diferente dos filhos e dos netos. Além disso, certas palavras e expressões relacionadas a temas tabus, como sexo e excreção, também variam ao longo das gerações. Antigamente, uma mulher grávida era chamada de “senhora em estado interessante” e para se referir à menstruação, usava-se expressões como “incomodada”, “com regras”. Outro

comunidades do interior que vivem em “[...] distritos ou núcleos semirrurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52).

Por outro lado, temos o contínuo de oralidade-letramento, que envolve a relação entre a linguagem oral e escrita. Ao invés de vê-las como opostas, devemos enxergá-las como parte de um continuum. Considere como a forma como falamos influencia o que escrevemos e vice-versa. É uma interconexão surpreendente que molda a maneira como nos comunicamos e nos expressamos. No contínuo de oralidade-letramento, os eventos de comunicação são organizados. Se eles forem mediados pela escrita, são chamados de eventos de letramento; se não houver essa influência direta da escrita, são chamados de eventos de oralidade. Bortoni-Ricardo (2004), ilustra esse contínuo da seguinte forma:

.....
eventos de oralidade *eventos de letramento*

Segundo a autora, as “[...] fronteiras são fluídas e há muitas sobreposições. Um evento de letramento, como uma aula, pode ser permeado de minieventos de oralidade” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 62). Isso significa que há uma interseção entre os dois tipos de eventos, onde um evento de letramento pode incluir elementos de oralidade e vice-versa. Por exemplo, uma aula, que é considerada um evento de letramento, pode envolver atividades e interações orais.

Agora, sobre o contínuo de monitoração estilística, pense em como adaptamos nossa linguagem de acordo com o contexto e a situação comunicativa. Cada vez que nos expressamos, refinamos e ajustamos nosso estilo para nos adequarmos à audiência.

.....
- monitoração *+ monitoração*

Quando nos comunicamos, podemos escolher entre diferentes estilos de linguagem, que variam em termos de monitoração. Essa escolha está relacionada ao alinhamento que temos em relação ao assunto da conversa e ao interlocutor envolvido. No entanto, durante a mudança de um estilo para outro, fornecemos pistas, chamadas de “metamensagens”¹³ (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 63). Essas pistas podem ser tanto verbais quanto não verbais e servem como alertas,

¹³ O termo “metamensagens” é utilizado para descrever as mensagens ocultas ou subjacentes que estão implícitas em uma comunicação. Enquanto as mensagens explícitas são aquelas que são expressas diretamente, as metamensagens são mais sutis e podem transmitir sentimentos, intenções ou contextos adicionais (Bortoni-Ricardo, 2004).

indicando se estamos brincando, falando sério ou até mesmo repreendendo alguém. A variação ao longo do contínuo de monitoração estilística desempenha uma função importante ao situar a interação dentro de um quadro ou contexto. Logo, essas pistas e variações estilísticas são fundamentais para entendermos o tom, a intenção e a natureza da comunicação em um determinado contexto.

Essas variações linguísticas podem ser explicadas também por quatro modalidades: variação histórica, variação geográfica, variação social e variação estilística. A variação histórica refere-se às palavras e expressões que caem em desuso ao longo do tempo. A geográfica diz respeito às diferenças de vocabulário, pronúncia e construções sintáticas entre regiões que falam o mesmo idioma. A social está relacionada ao fato de que a capacidade linguística de um falante é influenciada pelo ambiente em que vive, sua classe social, faixa etária, sexo e nível de escolaridade. Por fim, a variação estilística reconhece que cada indivíduo possui o seu próprio estilo de fala, adaptando-o de acordo com a situação em que se encontra. Conforme Bagno (2007 b), a variação linguística é um assunto fascinante por si só. Além de ser um fenômeno intrínseco à linguagem, ela pode fornecer informações valiosas sobre a língua e os processos de mudança linguística.

Se emprendermos uma grande viagem pelo Brasil, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, recolhendo os modos de falar das pessoas de todas as regiões, de todos os estados, das principais cidades, da zona rural etc., vamos perceber que existem diferenças nesses modos de falar (...). Há muita semelhança, também, mas são as diferenças que chamam mais a atenção e que permitem classificar esses variados modos de falar. Quando você consegue identificar os traços característicos de um determinado modo de falar a língua, você pode chamá-lo de variedade (grifo do autor). Se você, em vez de sair viajando pelo país, decidir estudar os modos de falar das pessoas de um mesmo lugar – uma grande cidade, por exemplo –, vai notar também que a variedade falada nesse lugar apresenta diferenças que correspondem às diferenças que existem entre pessoas: grau de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, origem geográfica, etnia, sexo etc. (Bagno, 2001, p. 41).

As características mencionadas acima refletem a identidade do falante e que existe uma estreita ligação entre linguagem e sociedade: a variação linguística é parte intrínseca da linguagem e se manifesta através da diversidade de formas de expressão dentro de uma língua. No entanto, essa diversidade é frequentemente estigmatizada, como também mencionado por Bagno no livro *“Preconceito Linguístico: o que é, como se faz”* (1999).

A região geográfica, a classe social, a profissão e a faixa etária são fatores responsáveis pela existência da variação linguística no Brasil, um país vasto e com uma população diversificada que compartilha a mesma língua materna. Essa heterogeneidade linguística pode ser observada tanto dentro de um mesmo estado quanto dentro de uma mesma

comunidade linguística. Assim, em conformidade com as ideias apresentadas por Fernando Tarallo (1994), em seu livro *“Pesquisa Sociolinguística”*, é possível descrever e mapear os falares regionais por meio de uma metodologia linguística adequada. Nesse sentido, a Sociolinguística se dedica a estudar as relações entre as variações linguísticas e as variações sociológicas, levando em consideração o contexto em que o falante se encontra. Diante disso, é importante compreender que a descrição do falante em sua totalidade é primordial, como também considerar todos os aspectos envolvidos no momento em que este emite uma mensagem, uma vez que, essa abordagem permitirá uma compreensão mais profunda das variações linguísticas e sociológicas presentes em sociedade. Logo, analisar essas variações é de extrema importância para que possamos ter a capacidade de entender a diversidade linguística e sociocultural de uma determinada comunidade. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar; é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (Brasil, 1997, p. 31).

Assim, a variação linguística é um fenômeno importante no estudo da linguística, pois permite compreender como a língua se manifesta de diferentes maneiras em contextos sociais distintos, por englobar variações nos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintático, lexical e pragmático. Vale destacar que a variação linguística de uma comunidade está diretamente ligada às suas características socioculturais. Deste modo, ao analisarmos as variações linguísticas, podemos entender melhor como a língua se adapta e se molda em diferentes contextos sociais. Além disso, um aspecto interessante a ser considerado é a relação entre a variação linguística e a identidade social, visto que, a forma como uma pessoa fala pode ser um elemento importante na construção de sua identidade, permitindo que ela se identifique com determinado grupo ou comunidade.

Porém, o mito da superioridade de uma variedade linguística sobre as demais é algo que está enraizado em nossa cultura brasileira. As variedades regionais de fala são, antes de tudo, instrumentos de identidade, elas conferem um senso de pertencimento a um grupo social específico. Por exemplo, ser nordestino, mineiro ou carioca é motivo de orgulho, e uma maneira de alimentar esse orgulho é incorporar o linguajar e os hábitos culturais da região. No entanto, é importante observar que algumas palavras têm mais prestígio em todo o Brasil do que outras. Mas por que isso acontece? Nas grandes cidades brasileiras, onde convivem falantes de diversas

variedades regionais, aqueles que têm mais poder tendem a atribuir mais prestígio à variedade linguística que falam. Mas, esses juízos de valor são ideologicamente motivados e geram preconceitos.

A variação linguística pode ser um fator de coesão social ou, ao contrário, de exclusão e discriminação. Além disso, também pode ser observada em diferentes níveis de formalidade, posto que uma mesma pessoa pode falar de maneira mais formal em um ambiente de trabalho e de modo mais informal em seu círculo de amigos, já que esse fenômeno está intrinsecamente ligado aos aspectos sociais e culturais de uma comunidade.

2.3 A QUESTÃO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A Sociolinguística desempenha um papel fundamental na análise e compreensão do preconceito linguístico, fenômeno social preocupante presente em nossa sociedade e enraizado no modelo de ensino da língua materna nas escolas brasileiras. Segundo os PCNs (Brasil, 1997), o problema do preconceito em relação às falas dialetais deve ser enfrentado nas escolas como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença, pois as reações de preconceito, quase sempre, se manifestam por pessoas que se situam nos pontos mais altos da pirâmide social. Estes grupos consistem em julgar falantes ou grupos inteiros com base nas formas linguísticas utilizadas, especialmente aquelas consideradas afastadas do padrão. Vale mencionar que um dos principais pilares do preconceito linguístico é a crença arraigada de que existem construções linguísticas corretas e incorretas. Segundo Bagno,

o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]. (Bagno, 1999, p. 40).

Assim, aqueles que falam e escrevem de forma divergente do padrão são rotulados como “errados” e, conseqüentemente, excluídos e marginalizados socialmente. E é a partir dessa ideia de erro linguístico que o preconceito se perpetua, causando duras conseqüências para os falantes que se encontram nessa situação. É importante destacar que o preconceito linguístico, é sustentado por uma série de mitos, “e superstições que têm como único objetivo perpetuar os mecanismos de exclusão social” (Bagno, 1999, p.12). Dentre eles: mito nº 2 “*Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português*”, mito nº 4 “*As pessoas sem instrução*

falam tudo errado” e mito nº 6 “*O certo é falar assim porque se escreve assim*”. Assim, são esses mitos que alimentam o discurso preconceituoso, reforçando estereótipos e prejudicando a valorização da diversidade linguística. Por isso, a Sociolinguística se torna uma área essencial para desmistificar esses equívocos e promover a conscientização sobre a importância da aceitação e valorização das diferentes formas de falar e escrever dentro de uma comunidade linguística. Afinal, todas as variedades linguísticas são legítimas e merecem ser respeitadas.

Especialmente nas classes dominantes, o modo de falar daqueles com menos instrução formal e pouca escolaridade é considerado “feio” e é rotulado como um “erro”. Infelizmente, o termo “preconceito linguístico” é apenas uma maneira “bonita” de nomear um preconceito social profundo: não é a forma de falar que é alvo do preconceito, mas sim a identidade social e individual do falante. Nesse sentido, é fundamental promover a diversidade e o diálogo intercultural, valorizando e respeitando as diferentes identidades e expressões culturais. Portanto, por meio do conhecimento, da igualdade de oportunidades e do respeito à diversidade, podemos avançar na luta contra o preconceito linguístico, minimizando os seus efeitos em sala de aula.

Ademais, as instituições de ensino têm a responsabilidade de promover uma educação inclusiva, que aborde de forma reflexiva temas relacionados à diversidade linguística no Brasil. Assim, os estudantes podem desconstruir estereótipos e preconceitos que possam ter em relação às diferentes formas de falar no país a partir do ensino.

2.4 PRÁTICAS DE ENSINO E SOCIOLINGUÍSTICA

Em termos de pedagogia culturalmente sensível, a estratégia da professora diante da observação de uma regra não padrão sendo utilizada pelo aluno deve envolver a identificação da diferença e a conscientização da diferença. No entanto, muitos professores podem ter dificuldade em identificar essas regras, especialmente se eles próprios não tiverem familiaridade com variações culturais orais predominantes, como é o caso de alguns professores com antecedentes rurais. Essas regras podem passar despercebidas no repertório do professor e na linguagem do aluno, especialmente em situações de comunicação mais informal.

O tratamento inadequado ou desrespeitoso das diferenças pode causar insegurança, desinteresse ou até mesmo revolta por parte do aluno. Baseado nisso, é importante enfatizar a valorização das variantes linguísticas no âmbito do ensino da Língua Portuguesa, notadamente na EJA. Sobretudo à luz das palavras de Marcuschi (2008), que assevera ser “imperativo reconhecer e valorizar as múltiplas manifestações linguísticas presentes na sociedade”. Demais

estudos corroboram a noção de que os educadores devem adotar uma postura reflexiva e crítica frente à diversidade linguística, compreendendo e respeitando o vasto espectro de expressões presentes em nosso país (Bortoni-Ricardo, 2005), pois a língua se revela como um fenômeno eminentemente social, sujeito a constantes mutações, cabendo à escola propiciar aos discentes uma evolução linguística autônoma e dotada de um caráter crítico. Desse modo, é importante que o ensino da Língua Portuguesa na EJA valorize todas as variantes linguísticas utilizadas pelos alunos, conferindo o merecido respeito e apreço às distintas formas de expressão vigentes na comunidade (Labov, 2008). Por sua vez, Bortoni-Ricardo (2004, p. 74) acrescenta:

É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. Eles vão precisar especialmente de recursos comunicativos bem específicos para fazer uso da escrita, em gêneros textuais mais complexos e para fazer uso da língua oral em estilos monitorados.

Ao enaltecer as variantes linguísticas no ensino do ensino da Língua Portuguesa na EJA, é possível endossar uma educação de excelência, que reconheça e celebre a diversidade cultural e linguística presente em nosso país. Por isso

na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. [...] Essas regras podem estar documentadas e registradas, como nos casos de um tribunal do júri ou de um culto religioso ou podem ser apenas parte de uma tradição cultural não documentada. Em um ou outro caso, porém, sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 25).

Ao compreendermos os aspectos que abrangem a sociolinguística, poderemos perceber quão importante é para o professor o entendimento da variação que é levada pelos alunos à escola. Ou seja, são necessárias práticas de ensino da Língua Portuguesa que corroborem com a valorização da variação linguística. Isso resulta no reconhecimento e respeito às diferentes modalidades de uso da língua. Sendo assim

[...] erros de português são simplesmente *diferenças* entre variedades da língua. Com frequência, essas variedades se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informatividade, como vimos, e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola. (Bortoni-Ricardo, 2004, p.37).

Durante o momento em que um aluno utiliza uma regra não padronizada e o professor intervém, apresentando a variante padrão, ocorre uma justaposição das duas variedades na sala de aula. Os momentos em que isso acontece costumam gerar dúvidas entre os professores. Nos últimos anos, os educadores brasileiros, especialmente os linguistas, têm seguido uma abordagem que surgiu a partir da controvérsia entre a visão que considera o erro como uma deficiência do aluno e aquela que enxerga os erros¹⁴ como uma simples diferença

entre as variedades. No entanto, é importante ressaltar que é pedagogicamente incorreto utilizar a ocorrência de “erros” dos alunos como oportunidade para humilhá-los. Pelo contrário, uma abordagem pedagógica culturalmente sensível aos conhecimentos dos alunos deve estar atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a cultura da escola, auxiliando os professores a encontrarem formas efetivas de conscientizar os alunos sobre essas diferenças.

Assim, as escolas deveriam abordar o ensino da norma culta¹⁵ e das variantes linguísticas de forma a promover o desenvolvimento pleno dos alunos em relação à língua materna. Conforme afirmado por Almeida Filho (1992, p. 32), “ensinar língua é ensinar a refletir sobre língua”. É necessário que as instituições de ensino promovam a reflexão linguística, permitindo que os alunos compreendam tanto a norma culta quanto as diferentes variações linguísticas, uma vez que, ao abordar a língua materna de forma consciente e crítica, as escolas têm a oportunidade de ajudar os alunos a distinguir o que é adequado ou inadequado em diferentes situações de comunicação.

É importante que as instituições de ensino invistam em abordagens pedagógicas que considerem a diversidade linguística e promovam a inclusão social por meio do ensino da língua materna. Pois somente assim, poderemos buscar a equidade e a valorização de todas as formas de expressão linguística. Entretanto, as dificuldades enfrentadas por esses alunos nas atividades linguísticas são erroneamente atribuídas à falta de habilidade por parte dos alunos. Mas, na realidade, essas dificuldades estão relacionadas à falta de conhecimento da escola sobre as diferentes formas linguísticas existentes no Brasil. Pois, a escola tenta ensinar a língua materna como se fosse algo estático, puro, uniforme ou até mesmo intocável, conforme defendido por muitos gramáticos.

¹⁴ É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergamos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é visto como erro, as mudanças não são percebidas como “mudanças”, são percebidas como erros (Antunes, 2007, p. 23).

¹⁵ A norma culta é tipicamente a forma de linguagem comumente empregada por falantes urbanos que concluíram o ensino superior, em situações mais monitoradas e cotidianas. (Bortoni-Ricardo, 2005).

Vale destacar que o português, assim como todas as outras línguas humanas, deve ser entendido como um organismo vivo, diverso e sujeito a variações e mudanças, influenciado por vários fatores linguísticos e não linguísticos. E isso significa dizer que nossa língua não está acabada, não é neutra e nem algo fixo que podemos controlar, mas está sempre em constante evolução. Em vista disso, para se trabalhar com a variação linguística em sala de aula, o professor precisa incentivar o respeito e a aceitação dos diferentes tipos de linguagem dos alunos, tanto oral quanto escrita, e isso não significa abandonar o ensino da língua formal, que continua sendo importante e deve ser abordado durante as aulas, também nas turmas de EJA.

2.4.1 Histórico e características da EJA

A educação voltada para jovens e adultos no Brasil enfrenta problemas de falta de continuidade e políticas públicas pouco efetivas que não conseguem suprir a demanda total e atender ao direito garantido pela Constituição Federal de 1988. Em muitos casos, essas políticas são criadas de forma isolada por indivíduos ou grupos, principalmente no âmbito da alfabetização, e acabam sendo complementares às iniciativas governamentais. Isso demonstra que a implementação de políticas educacionais para jovens e adultos é insuficiente, dependendo muitas vezes de esforços individuais ao invés de uma ação coordenada e consistente do Estado.

No Brasil, a educação destinada a jovens e adultos busca suprir as necessidades de formação de trabalhadores que não tiveram acesso à escolaridade adequada em sua juventude. Inicialmente, essa iniciativa partiu dos movimentos sociais e sindicais, que pressionaram o governo para a criação de escolas noturnas e cursos supletivos. Em 1961, foi promulgada a Lei 4.024 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que instituiu a oferta de cursos noturnos regulares para a conclusão do ensino fundamental e médio. Desde então, a EJA tem sido utilizada como uma forma de garantir o acesso à educação, além de ser vista como uma ferramenta de inclusão social e de combate ao analfabetismo, especialmente nas regiões mais desfavorecidas.

A EJA tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento pessoal e profissional através de um ensino direcionado para indivíduos que não tiveram acesso à educação na fase adequada, devido a diversos fatores como raça/etnia, cor, gênero, subemprego, desemprego, dificuldades financeiras e familiares, entre outros. Freire um dos principais pensadores da educação no Brasil defendia um ensino crítico e transformador, que valorizasse o conhecimento dos educandos e os fizesse refletir sobre sua realidade social e histórica. Em sua obra

“Pedagogia do Oprimido” (1987, p. 39), ele afirma que *“ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam uns aos outros, mediados pelo mundo”*.

Diante dos apontamentos acima, fica claro que a Educação de Jovens e Adultos¹⁶, trabalha com sujeitos marginais ao sistema, uma população desfavorecida econômica, social e cultural. Como também é marcada por uma trajetória de domínio da classe dominante sobre a classe dominada. É como se a educação para pessoas das classes populares fosse vista mais como um benefício do que como um direito institucional (Cury, 2016).

No Brasil, as primeiras escolas noturnas surgiram no século XIX para atender a esse público. No entanto, foi na década de 1950 que a EJA passou a receber maior atenção por parte do governo e a ser objeto de estudos mais aprofundados. Até meados do século XX, a EJA era vista como uma forma de assistência e compensação, voltada especialmente para aqueles que não tiveram acesso à educação na infância. Nessa época, priorizava-se o ensino das habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo. E foi somente na década de 1960, com Movimento de Educação de Base (MEB), que houve uma mudança significativa no entendimento da EJA. O MEB trouxe uma nova perspectiva para essa modalidade de ensino, destacando o seu potencial transformador e a importância da educação como ferramenta para promover mudanças sociais.

Segundo Freire (1996), a educação de adultos deveria ser problematizadora e valorizar o conhecimento. Dessa forma, a EJA passou a ser vista como uma oportunidade de empoderamento e emancipação dos sujeitos, e atualmente, busca-se não apenas alfabetizar os adultos, mas também proporcionar oportunidades de formação e qualificação profissional, visando garantir a inclusão e a participação plena desses sujeitos na sociedade. Segundo Rodrigues (2009), é necessário superar a visão assistencialista e deficitária da educação de adultos, promovendo a valorização da cultura e experiência dos alunos. Além disso, é preciso investir em formação continuada de professores e adequação dos materiais pedagógicos, para que a EJA possa ser efetivamente inclusiva e propiciar uma educação de qualidade. Entretanto, com o passar dos anos, a mesma continuou evoluindo e se tornou uma política pública consolidada no Brasil, porém, mesmo com esses avanços, essa modalidade de ensino ainda enfrenta muitos desafios, sendo marcada pela descontinuidade de políticas públicas insuficientes para dar conta da demanda potencial e do cumprimento do direito, nos termos estabelecidos pela Constituição Federal 1988.

¹⁶ Essa modalidade de ensino é marcada por uma série de acontecimentos e ações, que vêm, ao longo das últimas décadas, fortalecendo-a no interior da Educação básica. Entre elas, pode-se destacar sua fixação no cotidiano da escola através da normatização aprovada pela LDBEN (nº 9.394/96), que garante seu acesso à população que não tivera oportunidade de concluir seus estudos anteriores.

A partir de 2003, o Estado passou a desempenhar um papel significativo no ensino voltado para jovens e adultos, por meio do programa Brasil Alfabetizado, o que resultou em um aumento na preocupação e no aporte de recursos por parte dos municípios, a fim de assegurar a continuidade dos estudos. Dessa forma, tornou-se essencial garantir a eficácia do processo de alfabetização, pois, sem isso, todo o esforço seria em vão. Entretanto, o problema que agrava a situação educacional no Brasil é o elevado número de jovens matriculados na EJA. E isso ocorre, em grande parte, devido à dificuldade de permanência e ao insucesso no ensino fundamental regular. Uma questão que contribui para essa realidade é a persistência das desigualdades socioeconômicas na sociedade brasileira.

Diante disso temos como consequência, muitas famílias que acabam se vendo obrigadas a recorrer ao trabalho infantil como forma de complementar a renda mínima necessária para sobrevivência. Assim, tal realidade cruel acaba roubando tanto a infância quanto o tempo dedicado aos estudos. Dessa forma, é importante que as políticas públicas destinadas à Educação de Jovens e Adultos considerem não apenas a alfabetização, mas também a continuidade dos estudos e a profissionalização do referido público, uma vez que, em consequência disso, esses indivíduos retornam à educação por perceberem a importância da escolaridade em suas vidas, acreditando que a falta de oportunidades de emprego está diretamente relacionada à baixa escolaridade. Portanto, é fundamental reconhecer que o sistema capitalista também é responsável pelo desemprego estrutural. Assim, é ideal que as políticas públicas para esse público incluam não apenas o desenvolvimento da escolaridade, mas também a oferta de programas de qualificação profissional de qualidade.

De acordo com o Decreto nº. 5.478, de 24/06/2005¹⁷, o governo decidiu atender à demanda de jovens e adultos que desejam receber educação profissional técnica de nível médio, uma vez que, esses indivíduos são frequentemente excluídos dessa oportunidade, assim como muitas vezes são excluídos do próprio ensino médio. No entanto, a Rede, instituições parceiras e gestores educacionais começaram a questionar o programa e sugeriram sua ampliação em termos de abrangência e aprofundamento em seus princípios epistemológicos, porém essas experiências, juntamente com os princípios do Programa, mostraram a necessidade de ampliar seus limites para alcançar a universalização da educação básica e fornecer formação profissional para o mundo do trabalho, o qual, deveria incluir um foco específico, jovens e adultos com trajetórias escolares descontínuas. Logo, esse novo horizonte indica que a ação proposta tem o objetivo de tornar-se duradoura, transformando-se em uma política pública de integração da educação profissional ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos.

¹⁷ Dados coletados no documento base *PROEJA-Ministério da Educação* (2006), por meio do portal.mec.gov.br.

Em vista disso, pensar na duração dessa política implica reconhecer o caráter humanizador da educação, que não está restrito a determinados períodos de vida ou faixas etárias, mas ocorre ao longo de toda a vida, conforme estabelecido na Declaração de Hamburgo de 1997 (Ireland, Machado, Paiva, 2004). Em resposta a isso, o Decreto nº. 5.478/2005 foi revogado e substituído pelo Decreto nº. 5.840, de 13 de julho de 2006, que trouxe diversas mudanças para o programa, agora denominado Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD / IBGE), em 2002, o Brasil tinha 23.098.462 jovens com idade entre 18 e 24 anos. E por consequência, a situação de trabalho desses jovens no mercado formal é preocupante, de acordo com o Registro Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE, 2002). Apenas 23,3% dos jovens nessa faixa etária tinham emprego no mercado formal no mesmo ano, totalizando 5.388.869 pessoas. Além disso, apenas 13% da população havia concluído o ensino médio em 2003, o que equivale a 11 anos de estudo. É importante mencionar que cerca de um terço da população brasileira consegue frequentar a escola, porém, a maioria não chega a completar nem mesmo metade do ensino fundamental de oito anos.

Como exemplo destacamos que o Piauí e o Maranhão, que possuem as taxas mais altas, com 56,6% e 53,2% respectivamente, enquanto o Distrito Federal possui a taxa mais baixa, com 16,1%. No entanto, a taxa de escolarização entre os jovens de 15 a 17 anos aumentou de 55,3% para 78,8%. Logo, é possível afirmar que os jovens estão tendo mais acesso à educação e estão permanecendo na escola por mais tempo. Entretanto, os dados mostram que ainda há uma grande diferença entre o número de jovens que ingressam na escola e aqueles que concluem o ensino fundamental. Existem cerca de 10 milhões de pessoas maiores de 14 anos que estão trabalhando, mas são analfabetas ou têm baixa escolaridade, e essa realidade reflete as desigualdades sociais, com negros e pardos tendo menos anos de escolarização em comparação com brancos. Nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, essa desigualdade é ainda mais evidenciada, onde a falta de oportunidades concretas para alcançar sucesso no sistema educacional acaba por culpar o indivíduo, tornando-o responsável por mais um caso de fracasso.

Diante desses desafios na Educação de Jovens e Adultos (EJA), é necessário adotar uma postura vigilante contra qualquer prática desumana, pois no Brasil:

Mesmo com o esforço do Programa Brasil Alfabetizado, instituído pelo governo Lula, não avançamos o suficiente para termos realmente algum orgulho nessa área. A sociedade ficou esperando, em 2003, um programa de mobilização que não aconteceu. O Programa Brasil Alfabetizado do MEC, mesmo com todo o trabalho desenvolvido, e

a generosidade de seus promotores, ainda está aquém do esperado. Milhões de brasileiros foram alfabetizados, é verdade, mas não conseguiram dar continuidade a seus estudos nos estabelecimentos oficiais de ensino. E todos sabemos que, quando não se garante a continuidade, corre-se o risco de regressão (reversão) ao analfabetismo. Se o alfabetizando não usa o que conhece acaba esquecendo o que aprendeu. A falta de continuidade é mortal para o recém alfabetizado. (Gadotti, 2008, p. 14).

Considerando esses pontos, é evidente que, embora tenha passado por mudanças ao longo do tempo, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) ainda é estigmatizada e vista como uma forma inferior de ensino. Isso ocorre devido ao financiamento insuficiente destinado a essa modalidade, o que dificulta atender às necessidades dos alunos, professores e escolas no país. Além disso, há poucos investimentos na formação dos profissionais que atuam na área, o que resulta na falta de reconhecimento social necessário para garantir a continuidade e os princípios fundamentais da EJA. Segundo Santos, esses princípios são:

A equidade, a diferença e a proporcionalidade. O princípio da equidade pressupõe que todos os indivíduos têm direito à educação, independentemente de sua idade, gênero, raça ou condição social. O princípio da diferença reconhece que cada pessoa tem suas próprias características, demandas e necessidades de aprendizagem, e a EJA deve estar preparada para atender a essas diferenças. Já o princípio da proporcionalidade busca garantir que os recursos e oportunidades educacionais sejam distribuídos de acordo com as necessidades e capacidades individuais dos aprendizes. (Santos, 2018, p. 25).

Com base nesses princípios, é possível construir uma educação de qualidade, inclusiva e transformadora para os jovens e adultos em busca de conhecimento e desenvolvimento pessoal.

2.4.2 O ensino de Língua Portuguesa na sala de aula EJA

Ao ingressar na instituição escolar, a criança, adolescente ou adulto já possui habilidades avançadas no uso da sua língua materna. No entanto, é necessário expandir suas capacidades comunicativas para se adequarem às convenções sociais que determinam o uso apropriado da linguagem em diferentes gêneros textuais, diversas tarefas comunicativas e variados tipos de interações. Por isso, Bortoni-Ricardo recorda que:

A tarefa educativa da escola, em relação à língua, é justamente criar condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e possa usar, com segurança, os recursos comunicativos que forem necessários para desempenhar-se bem nos contextos sociais em que interage. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 78).

O ensino da língua para o público deve levar em consideração suas vivências, experiências e conhecimentos prévios. A esse respeito:

Um programa de educação de adultos, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida (grifo do autor) da população atingida. A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador. Os programas de jovens e adultos a meio caminho do fracasso se não levarem em conta essas premissas, sobretudo na formação do educador (Gadotti, 2008, p. 32).

À vista disso, é importante ressaltar que somente reconhecer a situação dos jovens e adultos que voltam a estudar como sujeitos de direito e garantir sua entrada nas escolas não é o suficiente. Apenas oferecer acesso pode, de certa forma, encobrir ou até mesmo reforçar a exclusão social, além de responsabilizar e penalizar o indivíduo por repetidos fracassos. Assim, é fundamental que essa modalidade de ensino se baseie nas diretrizes curriculares específicas para atender às necessidades dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (2010), o ensino de Língua Portuguesa deve abranger as mais diversas formas de comunicação e compreensão da língua, tanto oral quanto escrita, valorizando as variantes linguísticas presentes nos diferentes grupos sociais, levando em consideração as características específicas de cada estudante, valorizando seus conhecimentos prévios e experiências de vida, com o objetivo de desenvolver habilidades e competências que promovam sua participação ativa na sociedade.

Entretanto, as variantes linguísticas consideradas não-padrão, como o uso de gírias, regionalismos e outras marcas de variedades populares, são frequentemente desvalorizadas e associadas a um suposto desvio da norma culta. Infelizmente, essa é uma atitude que prejudica o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, gerando um sentimento de exclusão e desmotivação. Diante disso, é importante promover a valorização das variantes linguísticas presentes no dialeto desses alunos; e se faz necessário que os professores sejam devidamente capacitados e sensibilizados para lidar com essa questão. Além disso, é ideal que sejam utilizados materiais didáticos e recursos pedagógicos que contemplem a diversidade linguística existente no país.

Segundo Bagno (2012), é fundamental que sejam adotadas práticas pedagógicas que promovam o respeito e a valorização das variantes linguísticas dos alunos, reconhecendo a riqueza cultural e social presentes nas diferentes formas de expressão. O autor defende a ideia de que é possível ensinar a norma culta da língua sem desconsiderar as outras variantes, buscando criar um ambiente de aprendizagem que acolha e respeite a diversidade linguística. Logo, a

formação continuada dos professores é de extrema importância nesse processo. De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), é preciso que os professores estejam atualizados e informados sobre as pesquisas mais recentes na área de linguística aplicada ao ensino de língua materna, para que possam refletir sobre suas práticas e desenvolver estratégias pedagógicas mais adequadas para atender às necessidades dos alunos da EJA. A falta de uma formação adequada para os docentes que atuam na referida modalidade de ensino pode ser atribuída ao histórico inconsistente da Educação de Jovens e Adultos. Segundo Arroyo (2006, p. 18), “o perfil do educador de EJA e sua formação encontram-se ainda em construção”, o que dificulta a preparação consistente desses profissionais, e isso resulta em algumas consequências:

A problematização da formação de professores (as) para atuação na Educação de Jovens e Adultos tem revelado não terem os (as) profissionais dessa modalidade, em sua maioria, habilitação específica para tal, trazendo em sua prática as marcas da precarização e, embora a despeito da sua criatividade e compromisso, têm sua docência constituída na improvisação e no aligeiramento (Capucho, 2012, p. 65).

Dessa maneira é necessário que os cursos de formação de professores para a Educação Básica levem em consideração diversos aspectos, começando pelas particularidades relacionadas à formação do educador da EJA. Além disso, é fundamental levar em conta as necessidades e experiências dos estudantes que buscam na Educação de Jovens e Adultos a aprendizagem relacionada à sua vivências. Os currículos e práticas pedagógicas devem ser adaptados para promover a participação e o engajamento dos alunos, conectando o processo de ensino às suas histórias de vida, contexto social, cultural e econômico. Além disso, é essencial que os educadores da EJA estejam constantemente refletindo criticamente sobre suas práticas, reavaliando e aprimorando seus conhecimentos em constante evolução. Como defende Freire:

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. (Freire, 1996, p. 39).

Diante do exposto, a prática pedagógica adequada pode favorecer o desenvolvimento dos educandos, tornando a aprendizagem escolar mais interessante e significativa, incentivando-os a permanecerem e avançarem na EJA. Portanto, a formação de educadores para a EJA deve ser o principal elemento para um avanço na aprendizagem desse público. Vale ressaltar que um aspecto importante a ser abordado no ensino de língua portuguesa na EJA é a

valorização da oralidade, uma vez que muitos estudantes possuem dificuldades na comunicação oral, prejudicando sua inserção e interação social. Mas é importante lembrar que essa realidade pode ser modificada através do trabalho docente em sala de aula, por meio de conversações, debates e atividades interativas, e a partir disto, este, estará estimulando e trazendo melhorias da expressão oral, como também a oportunidade de desenvolver e aprimorar suas habilidades de comunicação desses sujeitos.

Outra possibilidade na EJA é a conscientização sobre a importância de minimizar o preconceito linguístico e abordar as variantes linguísticas em sala de aula. Muitas vezes, os estudantes da EJA são falantes de variedades não-padrão da língua portuguesa, o que pode gerar preconceito e dificuldades de comunicação em outros contextos sociais. Em vista disso, é fundamental conscientizá-los de que suas formas de falar também são legítimas e que devem ser respeitadas e valorizadas.

Embora o ensino de Língua Portuguesa na EJA apresente desafios específicos, também oferece oportunidades valiosas, quando aliado a um trabalho pedagógico adequado, que promova a inclusão e o conhecimento das variedades linguísticas do nosso país, contribuindo para estimular o aprendizado, a inclusão, a inserção e a participação plena desses estudantes na sociedade.

3 METODOLOGIA

A seção metodológica deste trabalho fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa de estudo de caso. Os métodos utilizados incluem observação em sala de aula, além de questionários aplicados aos envolvidos. A coleta de dados compreende observações sistemáticas em ambiente escolar e a distribuição de questionários estruturados. A abordagem engloba a comunidade, perfil dos informantes e os procedimentos de análise de dados, interpretando os resultados das observações e respostas dos questionários para uma compreensão aprofundada do estudo de caso.

3.1 A PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa *A abordagem do tema variação linguística numa turma de ensino médio da EJA* possui um enfoque qualitativo, que colaborou com a análise dos dados coletados dentro de uma dimensão exploratória para captar nas entrelinhas o que os teóricos aqui citados trazem sobre o assunto, e assim responder aos objetivos deste estudo.

Nas palavras de Brandão,

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Brandão, 2001, p. 13).

Neste cenário, a pesquisa qualitativa é um tipo de estudo em que os conceitos explorados devem ser abordados a partir de uma perspectiva baseada na prática social. No presente trabalho, a mesma se concentra na análise de dados verbais e visuais obtidos por meio da observação das interações entre a professora de Língua Portuguesa da EJA modular e seus alunos. Neste caso, o pesquisador assume o papel de espectador no processo. Em sentido amplo, a pesquisa qualitativa pode ser definida como uma metodologia que obtém dados através da observação direta de pessoas, lugares ou processos, buscando estabelecer uma interação direta com o objetivo de compreender os fenômenos estudados. Geralmente, parte de questões mais abrangentes que vão ganhando forma e definição à medida que o trabalho se desenvolve.

Logo, o intuito desta pesquisa foi o de identificar a abordagem do tema *variação linguística* pela professora de Língua Portuguesa numa turma da EJA, bem como a atitude da

docente em relação às diferentes formas de falar dos alunos, e a presença de algum tipo de julgamento depreciativo nesse sentido.

A principal vantagem da pesquisa qualitativa reside na profundidade e amplitude do conhecimento, ou seja, o valor das evidências obtidas é triangulado a partir de diferentes fontes, como as observações e a aplicação de questionários. Isso permite ao pesquisador obter detalhes informais e relevantes. Segundo Gil (1999), a pesquisa qualitativa tem como objetivo a compreensão, interpretação e atribuição de significado científico aos fenômenos observados. Nesse sentido, o pesquisador desempenha um papel ativo na interpretação dos dados coletados, buscando uma compreensão mais profunda do contexto investigado. A pesquisa qualitativa também possibilita uma análise mais detalhada e contextualizada dos dados, conforme apontado por Teixeira (2007). Considerando as múltiplas nuances e interpretações que podem afetar os resultados. Dessa forma, a mesma permitirá uma análise mais completa dos aspectos investigados, contribuindo para um melhor entendimento da variação linguística no ensino da Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos.

3.2 ESTUDO DE CASO

A abordagem metodológica adotada deu-se a partir de um estudo de caso. De acordo com Yin (2001), uma investigação de caso consiste em examinar empiricamente uma situação atual em um cenário da vida real, onde os limites entre a situação em estudo e o contexto não são claramente definidos.

O autor destaca que essa estratégia é frequentemente escolhida quando se busca responder a questões que envolvem o “*como*” e o “*por quê*”, bem como quando o investigador tem pouco controle sobre os eventos que estão sendo pesquisados. O que nos permite uma análise detalhada das interações entre a professora e os alunos durante as atividades voltadas às variações linguísticas, a coleta dos dados verbais e visuais, bem como a compreensão das dinâmicas e das percepções dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, concorda-se com Gil (1999, p. 73), quando afirma que o estudo de caso é “caracterizado pela análise aprofundada e minuciosa de um ou poucos objetos, proporcionando um conhecimento amplo e detalhado”, o que seria difícil de alcançar por meio de outros tipos de pesquisas. Outrossim, a finalidade de um estudo de caso é coletar informações minuciosas e abrangentes sobre um determinado fenômeno (Patton, 2002). Essa abordagem metodológica destaca a importância de compreender o contexto, ao mesmo tempo em que busca representatividade (Llewellyn; Northcott, 2007), concentra-se na compreensão da dinâmica do

real contexto (Eisenhardt, 1989). O estudo de caso é embasado em um referencial teórico que orienta as questões e proposições do estudo, reunindo uma ampla gama de informações obtidas através de diferentes técnicas de coleta de dados e de evidências.

De acordo com Yin (2001), um estudo de caso é uma investigação empírica que analisa um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, sendo especialmente útil quando as circunstâncias são complexas, mutáveis ou não foram investigadas antes, quando as situações são altamente politizadas e envolvem múltiplos interessados. Permitindo assim, uma imersão profunda e exaustiva em um objeto delimitado, possibilitando a compreensão de uma realidade social.

Em se tratando da pesquisa em tela, esta constitui-se como um estudo de caso, uma vez que se buscou identificar o trabalho com o tema *variações linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos*, precisamente em uma turma do 3º período do Ensino Médio. Ademais, para a coleta dos dados foi necessária a aplicação de questionário de sondagem, tanto à professora quanto aos alunos, assim como a observação das aulas pela pesquisadora.

3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Os instrumentos utilizados na pesquisa têm um papel fundamental na obtenção de dados abrangentes e confiáveis, bem como na avaliação da eficácia das ações realizadas pelos pesquisadores. Dentre as diversas opções disponíveis, destacam-se observações sistemáticas, e questionários, que permitem a obtenção de informações aprofundadas para uma melhor compreensão do objeto de estudo.

Essas abordagens proporcionam um ambiente propício para a troca de ideias, enriquecimento de perspectivas e construção coletiva de conhecimento, como a ampliação da visão sobre o tema em análise, e geram percepções e descobertas mais significativas.

Visto que, ao adotar uma abordagem adequada e diversificada na escolha dos instrumentos de pesquisa, o pesquisador tem a oportunidade de obter resultados mais amplos e robustos, contribuindo de forma significativa para o campo teórico e prático da investigação. Outrossim, a aplicação estratégica dessas ferramentas ampliam a capacidade de captar nuances e complexidades do fenômeno estudado, impulsionando avanços intelectuais relevantes e fortalecendo as bases teóricas da pesquisa.

A coleta dos dados para esta pesquisa foi realizada em etapas distintas, visando à obtenção de informações relevantes e completas. A primeira etapa consiste na observação das

aulas, a fim de acompanhar e avaliar a abordagem da variação linguística em sala de aula pela professora, bem como o envolvimento dos alunos com esse tema. Segundo Lakatos (2010), a observação é uma técnica eficaz de coleta de dados, que permite ao pesquisador utilizar seus sentidos para obter informações mais precisas sobre determinados aspectos da realidade. Assim, fica claro que a observação vai além do simples ato de ver e ouvir, pois envolve um exame minucioso de fatos e fenômenos que se deseja estudar. Neste trabalho de pesquisa, através dessa ação foi possível analisar e entender melhor as particularidades e vivências linguísticas de cada aluno, numa turma do 3º período do Ensino Médio da EJA Modular¹⁸.

Na última coleta dos dados, foi entregue um questionário de sondagem à docente de Língua Portuguesa e também aos alunos. Assim, concordamos com Miranda (2020), quando diz que é possível utilizar um questionário como uma ferramenta para obter informações sobre as crenças, conhecimentos, representações e informações específicas de um determinado grupo de pessoas ou sobre o ambiente em que vivem. Sendo assim, o questionário proporciona uma maneira eficiente e prática de coletar informações, fornecendo uma visão geral das percepções e opiniões de um grande número de pessoas.

3.3.1 Procedimentos de análise de dados

A análise de dados é uma etapa fundamental em qualquer pesquisa, pois é a partir dela que podemos obter percepções e conclusões sobre o tema em estudo. De acordo com Carvalho (2000), essa análise implica na classificação e organização das informações coletadas, levando em consideração os objetivos do trabalho. Nesse sentido, uma abordagem comumente utilizada na análise de dados é a descrita por Best (1972, p. 152), “que representa a aplicação lógica dedutiva e indutiva do processo de investigação”.

Mostrando-nos que as informações obtidas por meio dos dados coletados forneceram perspectivas adicionais sobre a forma como os informantes desta pesquisa vivenciam e veem as aulas de Língua Portuguesa na EJA. Com todas essas informações em mãos, foi possível realizar uma análise completa e fundamentada dos dados obtidos, contribuindo para uma compreensão mais profunda do tema em estudo. Para isso seguiu-se um processo de observação, durante 30 dias, das aulas de Língua Portuguesa em uma turma da EJA, que aconteceram uma vez por semana.

¹⁸ O curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) Modular consiste em um programa educacional presencial, com aulas ministradas durante a noite, que possui um currículo flexível em relação ao conteúdo, duração e localidade. Ele é composto por quatro etapas: Alfabetização, Básica, Complementar e Final.

3.3.2 Observação

Inicialmente, este estudo foi realizado por meio da observação de 15 horas de aulas de Língua Portuguesa em uma turma da Educação de Jovens e Adultos¹⁹ na rede pública de ensino de uma cidade do interior de Alagoas. Os participantes da pesquisa foram 20 alunos dessa mesma turma, todos maiores de dezoito anos, além da professora regente.

A aplicação do instrumento de observação é fundamental para registrar e documentar as atividades externas, independentemente das intenções por trás delas. Esse método possibilita uma análise imparcial dos comportamentos e eventos, fornecendo informações valiosas sobre as interações humanas e sobre o mundo ao redor do pesquisador. Adicionalmente, a observação possibilita uma coleta de dados sistemática e contínua, o que permite identificar padrões e tendências ao longo do tempo. Essa abordagem ampla e aprofundada fortalece a validade dos resultados obtidos e facilita a aplicação dos achados em diferentes contextos. A observação é considerada como uma juíza confiável para determinar o que é verdadeiro ou não. Preferimos ver para acreditar.

Com base nessa afirmação, destacamos as percepções vivenciadas ao longo de cinco aulas de 180 minutos cada. A primeira aula teve como foco os diferentes sinais de pontuação utilizados na língua portuguesa, como vírgula, ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação. A docente utilizou os textos “*O Silêncio do Rouxinol*” e “*A Galha Vaidosa*” para exemplificar. Na segunda aula, foi apresentado aos alunos o gênero textual cordel, com a exploração de seus aspectos, origem, características, e estrutura. A terceira aula abordou os elementos da narrativa, como personagens, enredo, espaço, tempo e narrador. A intenção era que os alunos pudessem identificar esses elementos. Na quarta aula, a docente utilizou um caça-palavras para que os alunos localizassem diferentes gêneros textuais, como fábula, conto, notícia, relato, reportagem e convite. Em seguida, ela explicou sobre a temática de cada um deles. E na última aula, os alunos foram solicitados a encontrar termos (gramática, morfologia, substantivo, adjetivo, pronome e verbo) em um caça-palavras, como também localizá-los em charges.

Durante as aulas observadas, não foi constatada nenhuma metodologia voltada à variação linguística. Embora a docente pudesse ter abordado esse assunto, uma vez que a turma é formada por pessoas de 18 anos acima, residentes na zona rural e, de certo modo, já foram

¹⁹ Trata-se de uma turma Modular, cujas aulas de Língua Portuguesa são ministradas durante 3 horas, em uma noite por semana, na sexta-feira.

“corrigidas” devido à forma de falar e de escrever algumas palavras, além de também terem presenciado a mesma atitude com os colegas. Assim, aspectos da língua, como variações regionais e sociais, poderiam ter sido abordados com o propósito de conscientizar os alunos de que não há somente uma forma de se expressar, ou seja, aquela preconizada pelos compêndios gramaticais, mas também dialetos utilizados nas várias regiões do Brasil, tanto na zona rural quanto na zona urbana, além daqueles que caracterizam determinados grupos de falantes.

3.3.3 Questionário

O objetivo de aplicar o questionário foi o de averiguar a abordagem do tema *variação linguística* nas aulas de Língua Portuguesa. Por esse meio buscou-se a oportunidade de os alunos expressarem suas experiências pessoais e visões sobre o assunto. Para esse propósito, vale ressaltar que o questionário é uma ferramenta metodológica muito útil e eficiente. Segundo Gil (1999, p. 128), “o questionário é uma técnica de pesquisa que consiste em apresentar por escrito um conjunto de várias questões às pessoas, com o objetivo de obter conhecimento sobre opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc”. De acordo com o referido autor (1999, p. 128/129), são apresentados os seguintes benefícios exclusivos do questionário em comparação com outras técnicas de coleta de dados:

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente;
- e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

Dessa forma, buscamos uma abordagem mais completa, analisando a variedade linguística dos alunos, e as percepções do docente. Com isso, esperamos contribuir para um maior entendimento do tema. A coleta dos dados referentes ao questionário com a professora da escola ocorreu dia 06 de outubro de 2023. Já com os discentes ocorreu em 09 de outubro de 2023.

3.4 COMUNIDADE, INSTITUIÇÃO E PERFIL DOS INFORMANTES

A docente informante da pesquisa reside atualmente em Teotônio Vilela, município brasileiro do estado de Alagoas. Localizado na Zona da Mata, Mesorregião do Leste Alagoano, sendo referência na cultura do cultivo de mandioca. Já os alunos informantes da mesma pesquisa residem no município de Junqueiro, localizado no estado de Alagoas, vivem em uma comunidade com características marcantes que moldam sua identidade e vida social. Essa cidade ganha vida com uma economia predominantemente agrícola, onde a produção de cana-de-açúcar, milho, feijão e a criação de bovinos são as bases fundamentais. Além disso, o comércio local desempenha um papel importante na geração de empregos e no desenvolvimento da região.

A cultura junqueirense é rica e enraizada em suas tradições, sendo conhecida pelas festas populares em destaque, como o São João. A cultura e a valorização das tradições se tornaram elementos fundamentais na identidade dos moradores de Junqueiro.

Associativismo e participação comunitária são evidentes em Junqueiro. A comunidade se mobiliza através de diversas associações e grupos comunitários, que se dedicam a atividades sociais, esportivas, religiosas e culturais, fortalecendo a coesão social e promovendo o bem-estar coletivo.

Já a instituição na qual foi realizada a coleta de dados é denominada Escola Estadual Padre Aurélio Góis está situada na cidade de Junqueiro, município do estado de Alagoas. A instituição é reconhecida como uma das principais escolas do município, oferecendo ensino de qualidade para estas modalidades de ensino: Ensino Médio Regular, EJA Modular, Ensino Médio, Novo Ensino Médio e Educação Especial. A escola leva o nome de Padre Aurélio Góis, em homenagem a um importante professor, que se preocupava com a formação integral humana. Outrossim, a instituição de ensino busca promover um ambiente educacional propício para o aprendizado, estimulando seus alunos ao desenvolvimento acadêmico, esportivo e social, além de oferecer atividades extracurriculares, como cursos, palestras, projetos sociais e eventos culturais, ampliando as oportunidades de formação dos estudantes. Possui uma estrutura física adequada, com salas de aula, laboratório de informática e ciências, biblioteca e quadra esportiva. Como também prioriza os valores cristãos e éticos, a fim de formar cidadãos críticos, conscientes e responsáveis, preparando-os para a continuidade de seus estudos ou para ingressar no mercado de trabalho. Os informantes desta pesquisa são 20 alunos de uma turma de EJA Modular noturno, da cidade de Junqueiro-Alagoas, com idade entre 18 a 50 anos, e uma docente de Língua Portuguesa, com 54 anos de idade, residente na cidade de Teotônio Vilela, município de Alagoas. São 12 anos dedicados à profissão da professora da referida disciplina.

3.4.1 Comunidade²⁰

Os dados para esta pesquisa foram coletados numa turma de EJA Modular, da Escola Estadual Padre Aurélio Góis, localizada na cidade de Junqueiro-Alagoas, cuja população é estimada em 23.907 habitantes. O município tem área de 247,724 km², assim a densidade demográfica é de 96,51 habitantes por km². Seu nome teve origem pela abundância de junco encontrado nas margens de uma lagoa, o mesmo era utilizado para a fabricação de utensílios domésticos e, com o tempo, a exploração desses recursos aumentou, levando as pessoas que passavam pela região em direção à lagoa a chamarem o local de “Junqueiro”.

Quanto ao grau de escolaridade dos habitantes, Junqueiro possui uma estrutura educacional que atende às necessidades dos moradores. A cidade conta com escolas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, além de algumas instituições de ensino superior também presentes na região. A taxa de escolarização de Junqueiro, considerada a faixa etária de 6 a 14 anos, é de 97,8%. A cidade possui 26 escolas vinculadas ao ensino fundamental e 1 voltada para o nível médio. São 3.947 estudantes matriculados no ensino fundamental e 956 no ensino médio, incluindo os alunos da EJA. Já o número de professores é de 204 no ensino fundamental e 42 no médio.

Junqueiro se destaca como um município com uma economia voltada para a agricultura, com uma população acolhedora e festeira, além de estar bem localizado na região central do estado de Alagoas.

3.4.2 Instituição de Ensino

O primeiro contato com a escola onde os dados para esta pesquisa foram coletados aconteceu no dia 01 de setembro de 2023. De início, a pesquisadora apresentou a proposta de pesquisa e explicou a necessidade de fazer observações de aulas na turma de Educação de Jovens e Adultos. A diretora da instituição de ensino demonstrou satisfação com a visita da graduanda em Letras-Português pelo Instituto Federal de Alagoas, e que também cursou todo o ensino médio na escola campo da sua pesquisa. Quanto à professora, esta, por sua vez, não estabeleceu nenhuma restrição à presença da pesquisadora, sendo, inclusive, bastante receptiva.

²⁰ Os dados referentes à comunidade de Junqueiro constam no site: cidades.ibge.gov.br/brasil/al/junqueiro/panorama.

A pesquisa de campo durou um mês, durante o qual foram realizadas observações das aulas de Língua Portuguesa na turma onde ocorreu a coleta de dados. Havia 20 alunos presentes. O objetivo era registrar o máximo de informações possíveis sobre as atividades em sala de aula. Além de acompanhar a metodologia adotada pela professora, também foram observados os aspectos teóricos e práticos relacionados ao tema da variação linguística. Após a fase de observações, a pesquisadora retornou à escola no dia 06 de outubro de 2023 para entregar um questionário de sondagem à professora de Língua Portuguesa, responsável pela turma onde foram coletados os dados para a pesquisa. E no dia 09 de outubro do mesmo ano os 20 alunos responderam a um questionário de satisfação.

Vale mencionar que a instituição²¹ campo da pesquisa tem 70 anos de existência, cujas as atividades tiveram início em janeiro de 1952, representando para a comunidade uma dupla certeza: primeiro, a ampliação do número de vagas na escola pública e conseqüentemente a garantia da gratuidade, pois naquela época a cidade contava com apenas uma escola pública administrada pelo município, a Escola Rural Rosita de Góis Monteiro, que oferecia o ensino primário até o 3º ano, e um número muito limitado de vagas.

Era comum, tanto na cidade quanto nos povoados mais populosos e de melhores condições financeiras, que as famílias enviassem seus filhos para estudar em Penedo, Palmeira dos Índios e Maceió, o que deixava uma parte significativa da população excluída. Como mencionado anteriormente, a denominação do nome da escola provém da homenagem ao Padre Aurélio Celestino de Góis, professor e grande incentivador da educação em Junqueiro. Ele também se preocupou com a cultura e fundou um grupo de teatro na comunidade, posteriormente chamado Teatro Lulu Barbosa, com o objetivo de incentivar os adultos a se alfabetizarem para, por sua vez, alfabetizarem outras pessoas.

A partir de 2019, de acordo com a Portaria da SEDUC N° 471/2019, baseada na Resolução CNE/CEB N° 1 de 5 de julho de 2000, e na Resolução CEE/AL N° 18/2002-CEE, a Escola Padre Aurélio Góis começou a ofertar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) modular no período noturno, destinada a estudantes com 18 anos completos no ato da matrícula. Essa modalidade se justifica pela necessidade de atender jovens e adultos que, por motivos diversos, não concluíram a Educação Básica em tempo hábil, em uma comunidade considerada pobre em oportunidades de trabalho. Atualmente, a escola oferece 13 salas de aula, abrangendo modalidades específicas do Ensino Médio, tais como o Novo Ensino Médio, o Ensino Médio

²¹ Os dados foram coletados por meio do Documento *Projeto Político Pedagógico* da Escola Estadual Padre Aurélio Góis. Disponível em <https://www.scribd.com/document/675658934/PPP-2022-EEPAG-FINAL>.

Regular, o EJA Modular noturno e a Educação Especial, atendendo a um público extremamente diverso em aspectos culturais e socioeconômicos.

Para fortalecer a gestão democrática e contribuir para o bom desempenho das atividades, a escola conta com os seguintes colegiados: Conselho de Classe, Conselho Escolar e Grêmio Estudantil. No âmbito do Novo Ensino Médio, o currículo estabelece até 1800 horas para as aprendizagens essenciais e no mínimo 1200 horas de itinerários formativos, permitindo opções de escolha aos estudantes. A EJA Modular foi implementada para atender ao público da Educação de Jovens e Adultos num prazo mais curto, porém eficaz, complementando a formação educacional a partir de conhecimentos prévios.

Dessa forma, a Educação de Jovens e Adultos nesse contexto pressupõe um olhar diferenciado para seu público-alvo, considerando e valorizando seus conhecimentos, interesses e necessidades de aprendizagem. Para tanto, foram formuladas propostas flexíveis e contextualizadas às diferentes realidades.

Nesta instituição a EJA Modular é dividida em quatro módulos: Práticas de Linguagem, Práticas de Matemática, Práticas de Ciências Humanas e Práticas de Ciências da Natureza. Cada módulo é baseado nas Práticas de Formação Geral e Profissional e envolve a elaboração do Diário Individual de Bordo (DIB) e do Projeto Coletivo de Intervenção no Território (PCIT), por meio de Projetos Integradores e Oficinas, que contemplam as competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A conclusão do Ensino Médio ocorre com a conclusão dos quatro módulos, que são independentes entre si. Avalia-se cada área do conhecimento (Linguagem, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza). Na disciplina de Língua Portuguesa, o aluno é avaliado em ferramentas como leitura, interpretação textual e escrita.

3.4.3 Perfil da professora

A docente informante da pesquisa é do sexo feminino e reside atualmente em Teotônio Vilela, Alagoas. Ela possui formação acadêmica na área de Letras Português-Inglês e concluiu sua graduação em 2009. Além disso, cursou uma especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Cândido Mendes, do Rio de Janeiro, em 13 de outubro de 2016.

Atua como professora de Língua Portuguesa há 12 anos, normalmente lecionando para crianças e adolescentes do Ensino Fundamental e Médio. No entanto, é importante ressaltar que ela nem sempre trabalhou com a Educação de Jovens e Adultos, mas enxerga essa

modalidade de ensino como uma oportunidade de engajamento e retomada aos estudos. A professora utiliza o documento *Modular Orientador* como recurso didático de ensino, para ministrar aulas no ensino médio modular de Jovens e adultos. A faixa etária de seus educandos varia entre 20 e 40 anos. Para ela seus alunos têm interesse nas aulas de Língua Portuguesa porque participam ativamente e enxergam o ensino da linguagem como algo proveitoso.

Em resposta à pergunta: “*você tem identificado diversidade linguística na sala de aula onde atua?*” A professora respondeu positivamente, explicando que os estudantes são oriundos de vários núcleos sociais. À indagação: “*a propósito, o que você sabe sobre a disciplina sociolinguística?*”, a docente disse que é a análise do comportamento linguístico da sociedade. Em seguida ela afirmou considerar importante trabalhar as variações linguísticas com seus alunos ao destacar que já observou casos de preconceito linguístico entre eles, afirmando que aborda a variação linguística como estratégia para reduzir o preconceito linguístico em suas aulas.

3.4.4 Perfil dos alunos

Os alunos informantes desta pesquisa revelaram simplicidade de vida, devido aos baixos salários e, conseqüentemente, ao baixo poder aquisitivo. À época da coleta dos dados, aqueles que trabalhavam recebiam no máximo um salário mínimo devido às atividades realizadas na prefeitura da cidade. E os demais sobrevivem da renda dos pais.

A escola não utiliza critérios específicos de distribuição por idade para a formação de turmas, resultando assim em uma classe composta por jovens, adultos e idosos. A faixa etária predominante varia entre 18 e 50 anos. Essa realidade sugere que a maioria dos alunos busca a escola na fase adulta devido às demandas do mercado de trabalho. Para Moura (2007), essa busca por autonomia é essencial para o cotidiano desses indivíduos.

Dentre os alunos colaboradores, observa-se que a maioria é do sexo feminino (16 mulheres) e apenas 4 discentes do sexo masculino. Essa representatividade do gênero feminino nessa modalidade pode ser explicada por questões sociais e culturais relacionadas à educação e o acesso à qualificação. Como também muitas vezes é reforçada pela

solidão de ficar em casa enquanto os outros membros da casa estão estudando, ou trabalhando, quando retornam estão cansados e não lhe dão a atenção devida. Essas mulheres retornam à sala de aula revelando uma auto imagem fragilizada expressando sentimento de insegurança e desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. (Rieger e Jesus, 2011, p. 168).

A participação das mulheres na EJA resulta em um efeito de fortalecimento e empoderamento, destacando-se pela elevação da autoconfiança, autoestima e autoeficácia. Isso demonstra a capacidade de gerar autonomia e poder decisório em suas próprias vidas.

Além disso, essa faixa etária variada dos alunos informantes é um elemento que enriquece esse perfil, onde a diversidade demográfica apresentada reflete a realidade da EJA, modalidade que acolhe pessoas em diferentes momentos de suas vidas, uma vez que alguns estão em busca de uma segunda chance na educação, enquanto outros estão assumindo novas responsabilidades familiares ou pessoais.

Todos os alunos participantes da pesquisa residem na cidade de Junqueiro-Alagoas, o que indica haver uma busca pela educação formal dentro dessa comunidade. Essa busca pode ser motivada pela necessidade de adquirir novas habilidades e conhecimentos para melhorar as perspectivas de emprego e qualidade de vida.

De acordo com as respostas ao questionário de sondagem, dos vinte alunos respondentes, apenas 01 (um) disse não gostar da disciplina Língua Portuguesa, justificando que são trabalhados muitos assuntos dos quais não gosta. Os demais demonstraram interesse pela disciplina, expondo algumas justificativas²²: *“Gosto, para corrigir algumas palavras que pronuncio errado”*; *“é extremamente importante para dialogar e escrever”*; *“para melhorar meu português”*; *“porque é sempre bom escrever certo”*; *“pois com essa matéria agente consegui entender melhor até a Nossa escrita e Forma de Falar”*.

No que diz respeito à compreensão da expressão *variação linguística*, considera-se interessante uma maior abordagem do tema para os alunos colaboradores desta pesquisa, visto que, de 20 alunos questionados, apenas 5 responderam que compreendem a expressão. A exemplo, em destaque as respostas: *“É um fenômeno que acontece com a língua”*; *“são mudanças que a língua apresenta devido a capacidade de se adaptar e transformar”*; *“se bem me lembro, a “variação linguística” é o conjunto de formar de se comunicar”*; *“fala de língua Portuguesas a ondem ajuda estudos”*; *“bom, pois dar para algum golega ou professor enciona o certo”*. Diante disso, destaca-se a necessidade de maior valorização desse tema em sala de aula. Ao analisar as respostas desses informantes, é possível perceber a importância de se levar em consideração as especificidades desse público na elaboração e implementação de estratégias de ensino e aprendizagem.

²² A transcrição das justificativas respeitam o modo como os alunos escreveram.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo, serão apresentadas as respostas da professora e dos alunos ao questionário de sondagem, seguidas das suas respectivas análises.

4.1 QUESTIONÁRIO APLICADO À PROFESSORA

Com o objetivo de compreender a abordagem da variação linguística em sala de aula, foi aplicado um questionário de sondagem à professora de Língua Portuguesa. Esse instrumento, composto por 16 perguntas pertinentes à formação, conhecimento e metodologias da professora em sala de aula, permitiu, de certa forma, perceber como essa profissional desenvolve/direciona o trabalho com a linguagem na turma onde foram coletados os dados para essa pesquisa.

As respostas obtidas por meio do questionário, bem como suas análises, encontram-se no Quadro 1. Ao compartilhar essas informações, espera-se não apenas informar ao leitor, mas também instigar seu interesse pelo assunto, destacando a relevância de se abordar as variações linguísticas em sala de aula. A discussão dos resultados apresentados visa refletir sobre o quanto o ensino da Língua Portuguesa pode ser enriquecedor ao considerar a diversidade linguística.

Assim, levantamos os seguintes dados:

Quadro 1 - O conhecimento da docente sobre as variações linguísticas

| Questão Avaliada | Resposta obtida | Comentário |
|--|---|--|
| 06. Para você, o que é a Educação de Jovens e Adultos? | Uma possibilidade de retomada aos estudos. E engajamento. | A resposta é objetiva e já esperada, além disso ao inserir o termo “engajamento”, a professora não o complementa; tornando-a, por isso, vaga. Considera-se necessário ressaltar o caráter transformador da EJA, que visa promover não apenas a retomada dos estudos, mas também a emancipação dos sujeitos, valorizando suas experiências. |
| 07. Você recebe alguma formação e/ou algum documento orientador da Secretaria de Educação do Estado que possam contribuir com as aulas de Língua | Sim. O Documento Orientador EJA Modular Ensino Médio. | Embora a resposta da professora seja positiva, é imprescindível maior explicação sobre como esses documentos orientadores |

| Questão Avaliada | Resposta obtida | Comentário |
|---|--|---|
| Portuguesa na EJA MODULAR? Justifique. | | fornecem subsídios para o ensino de Língua Portuguesa na EJA Modular. Seria necessário, portanto, discorrer sobre suas recomendações metodológicas específicas para o trabalho com a variação linguística e como a professora tem utilizado esses recursos em sua prática pedagógica. |
| 09. Os seus alunos se interessam pelas aulas de Língua Portuguesa? Justifique. | Sim. Participando das aulas. | A afirmativa, embora positiva, demanda uma explicação mais elaborada para que se possa compreender os fatores que despertam o interesse dos alunos da EJA pelas aulas de Língua Portuguesa. |
| 10. Como tem sido o trabalho com a linguagem na sala da EJA MODULAR? Explique. | Proveitoso. | A resposta fornecida não apresenta subsídios para uma análise aprofundada sobre como tem sido desenvolvido o trabalho com a linguagem na sala de aula da EJA Modular. Seria necessário que a professora explicasse com mais detalhes sobre as atividades, práticas pedagógicas e recursos utilizados. |
| 11. Você tem identificado diversidade linguística na sala de aula onde atua? Explique. | Sim, os estudantes são oriundos de vários núcleos. | Apesar de a professora confirmar a diversidade linguística em sua sala de aula, a resposta ainda não fornece dados consistentes, necessitando de explicação/descrição acerca da ocorrência de variações da língua entre os seus alunos. |
| 12. A propósito, o que você sabe sobre a disciplina sociolinguística? | Análise do comportamento linguístico da sociedade. | A docente apresenta apenas uma noção elementar sobre a sociolinguística. Contudo, considera-se necessário demonstrar como a sociolinguística subsidia o estudo e a abordagem das variações linguísticas em sala de aula. |

| Questão Avaliada | Resposta obtida | Comentário |
|--|---|--|
| 13. Você considera importante o trabalho voltado às variações linguísticas na sala de aula da EJA MODULAR? Explique. | Sim. Esclarecimento das variações linguísticas. | Mais uma vez, é notória uma resposta vaga, isto é, a docente não esclarece a importância, para ela, das atividades voltadas a variação linguística. Sobre como exatamente esse trabalho é desenvolvido e como contribui para o processo ensino de Língua Portuguesa. |
| 14. Atividades realizadas no sentido apresentado acima podem minimizar o preconceito linguístico na sala de aula? | Sim. | A respondente, mais uma vez, não esclarece de que maneira as atividades propostas por ela podem contribuir para minimizar o preconceito linguístico na sala de aula. |
| 15. Durante as suas aulas, você já presenciou algum preconceito linguístico entre os alunos? | Sim. | Outra vez, a docente não traz esclarecimentos e exemplos, tornando assim, a resposta incompleta sem fornecer dados que possibilitem uma análise consistente da situação voltada ao preconceito linguístico visualizado em sala de aula. |
| 16. Caso a resposta anterior tenha sido sim, como você faz para reduzir essa prática? | Trabalhando as variedades linguísticas. | Seria necessário que a docente explicasse como são abordadas as situações de preconceito em sala de aula, bem como quais atividades e reflexões são propostas para desconstruir estereótipos e incentivar o respeito, nesse sentido, entre os alunos. |

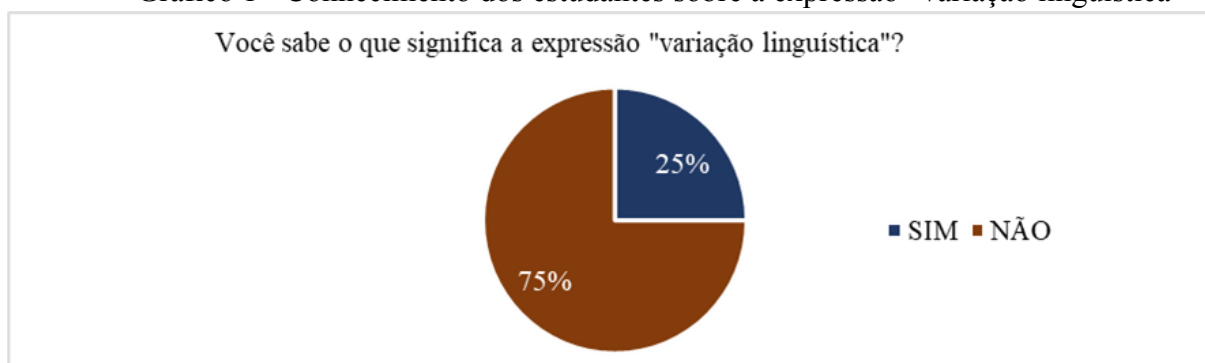
Fonte: Elaboração da autora a partir de dados da pesquisa, 2023.

De um modo geral, foram constatadas lacunas nas respostas da docente ao questionário, o que leva à conjectura de um certo desconhecimento dela em relação ao trabalho realizado pela sociolinguística e até pelo significado desse termo. Ademais, a ausência de descrição sobre o seu método de trabalho com as variações linguísticas e o impacto disso no ensino de Língua Portuguesa na EJA Modular reforçam um certo distanciamento da referida docente com o tema em pauta. Dessa forma, é necessária a busca por atualização e aprimoramento profissional para assegurar uma educação de qualidade aos alunos da EJA Modular. Compreender e respeitar as diferentes formas de expressão linguística é fundamental para a valorização e enriquecimento da língua falada em uma sociedade multicultural.

4.2 QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Participaram deste estudo um total de 20 informantes, matriculados no 3º período da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A coleta dos dados foi realizada por meio de um questionário que continha 11 perguntas com o objetivo de compreender como os alunos percebem a abordagem das variações linguísticas e, nesse sentido, a metodologia empregada pela professora de Língua Portuguesa. Essa coleta dos dados ocorreu em 09 de outubro de 2023. Levantamos os seguintes dados a partir das respostas dos alunos informantes ao questionário aplicado:

Gráfico 1 - Conhecimento dos estudantes sobre a expressão “variação linguística”

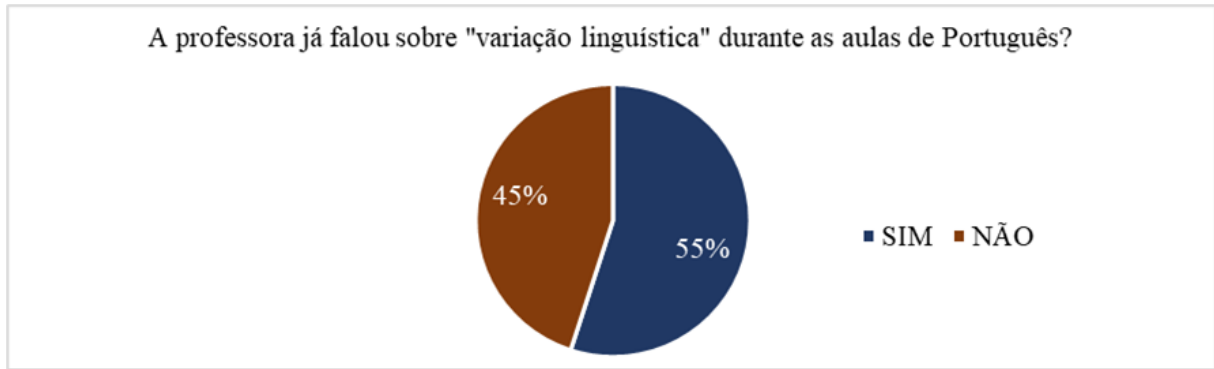


Fonte: Elaboração da autora a partir de dados da pesquisa, 2023.

A partir dos dados coletados durante a pesquisa, torna-se evidente que a grande maioria dos respondentes revelou não possuir o conhecimento necessário para identificar e compreender o real significado da expressão “variação linguística”. Esses resultados sugerem que o referido tema pode, de fato, não ter sido amplamente abordado durante as aulas de Português.

É preciso ressaltar a importância de se dedicar um tempo significativo para explorar esse assunto em sala de aula, uma vez que a variação linguística é um fenômeno intrínseco à língua portuguesa e possui papel fundamental na forma de comunicação, especialmente entre os brasileiros. Ao negligenciar aprofundamentos do tema em pauta, corre-se o risco de privar os alunos de uma compreensão mais completa e enriquecedora do funcionamento da nossa língua. O Gráfico seguinte traz a frequência com que o termo *variação linguística* foi mencionado pela professora durante as aulas de Língua Portuguesa.

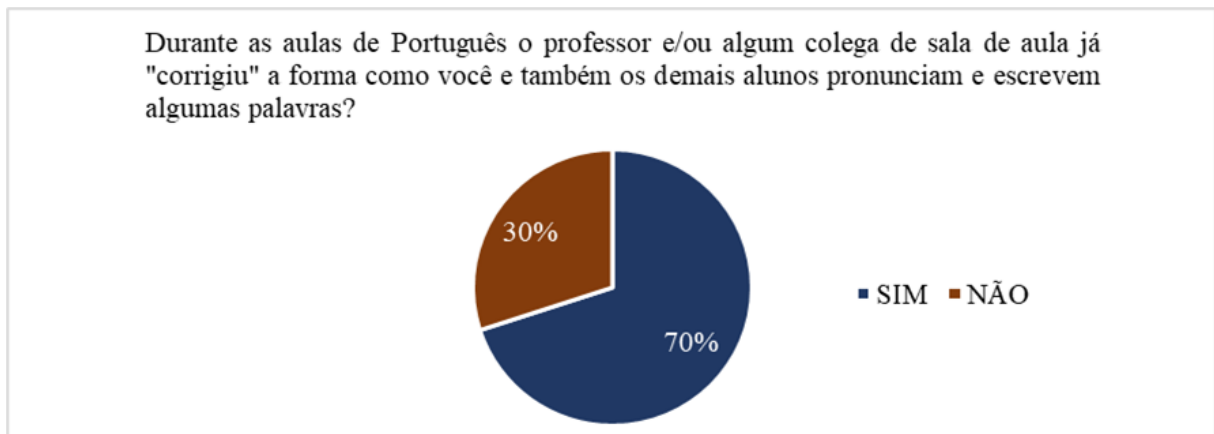
Gráfico 2 - Frequência com que a professora mencionou o termo “variação linguística” nas aulas de Português.



Fonte: Elaboração da autora a partir de dados da pesquisa, 2023.

Como é possível observar no Gráfico 2, a maioria dos participantes disse já ter ouvido a professora de Português falar sobre variação linguística durante as aulas. Isso pode indicar que ela tentou introduzir o assunto e conscientizar os alunos sobre a existência e importância das diferentes formas de falar e escrever dentro da língua portuguesa. No gráfico seguinte, observa-se a frequência com que a pronúncia e a escrita dos alunos foram corrigidas pela professora e pelos colegas de sala de aula.

Gráfico 3 - Frequência com que a pronúncia e a escrita dos alunos foram “corrigidas” em sala de aula.



Fonte: Elaboração da autora a partir de dados da pesquisa, 2023.

Outro dado importante é que 70% dos participantes afirmaram ter sido corrigidos pela professora e/ou colegas em relação à pronúncia e à escrita de algumas palavras. Isso sugere que pode haver um certo grau de cuidado com a pronúncia dos alunos, uma vez que, mesmo conhecendo ou tendo noção das diversas formas de falas dos brasileiros, a docente segue o padrão linguístico que deve ser ensinado na escola. Quanto aos colegas, esses repetem o que ouvem e leem como certo e errado no que diz respeito ao emprego do português brasileiro. Tanto a professora quanto os alunos que corrigiram seus colegas respaldam-se nas regras que regem a

gramática normativa, ratificando assim que, para a escola, uma forma particular de falar ou de escrever é considerada correta e as outras “erradas”.

A ausência de conhecimento da diversidade linguística brasileira por parte da maioria dos respondentes indica a necessidade de efetivamente dar maior atenção às aulas e atividades voltadas à variação linguística, especialmente em turmas da EJA. Nesse sentido, para criar um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso, é fundamental conscientizar os estudantes sobre a diversidade presente na língua portuguesa, incentivando o respeito e a valorização de todas as formas de comunicação. Assim, uma abordagem adequada para tratar desse desafio implica em reavaliar a prática pedagógica de alguns professores, buscando incluir atividades que promovam o reconhecimento das diferentes formas de falar. Projetos de pesquisa linguística, debates em sala de aula sobre o assunto podem ser eficazes nesse processo.

Dessa forma, os alunos se sentirão mais confiantes e engajados no aprendizado, pois terão suas vozes e experiências reconhecidas e valorizadas, e o ambiente escolar se tornará mais inclusivo e respeitoso, permitindo que todos os alunos sintam-se acolhidos e motivados a desenvolver plenamente suas habilidades linguísticas. Vale esclarecer que valorizar a forma como os alunos falam não significa excluir a norma culta das aulas de Língua Portuguesa. É necessário também que os professores recebam uma formação adequada que os capacite para lidar com a diversidade linguística dos alunos, principalmente da EJA, visto que a compreensão da importância da diversidade linguística e cultural deve ser parte essencial da formação docente.

Logo, é fundamental pensar numa prática pedagógica sensível e inclusiva em relação à diversidade linguística existente no Brasil, notadamente em turmas de EJA. Essa reflexão pode levar a um ensino que valorize e respeite a riqueza linguística e cultural dos alunos.

Assim, com base nos dados analisados, é importante que professores de Língua Portuguesa que atuam na formação de jovens e adultos adotem uma postura proativa na valorização e na promoção da diversidade linguística em sala de aula, pois isso contribuirá para uma educação mais inclusiva, equitativa e relevante, criando um ambiente de aprendizagem estimulante e acolhedor para todos os alunos. Com base na pesquisa realizada, é possível concluir que a temática variação linguística ainda precisa ser aprofundada nas aulas de Língua Portuguesa em turmas da EJA.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os trinta dias de observação das aulas de Língua Portuguesa, numa turma de Ensino Médio da EJA Multisseriada, constatou-se que a abordagem da professora em relação à variação linguística é contraditória em relação às falas dos alunos. Embora ela tenha afirmado abordar esse tema, durante o período de observação das aulas foi verificado o contrário. No entanto, considerando a afirmação de 55% dos alunos sobre a docente ter falado a respeito do tema em discussão, possivelmente isso tenha acontecido antes de a pesquisadora iniciar o acompanhamento das aulas. Outra justificativa para esse desencontro entre o que a professora diz e a sua prática de ensino observada pela pesquisadora pode se dar pelo estilo de formação da mesma, que pode ter sido marcado por uma formação tradicional, ou seja, que não vê as necessidades de aprendizagem do aluno como prioridade.

A professora pareceu estar focada apenas na gramática normativa, seguindo a abordagem da monitoração estilística mencionada por Bortoni-Ricardo (2004). Nesse sentido, durante o período de observação das aulas e mediante as respostas da professora e dos alunos ao questionário de sondagem, ficou perceptível a falta de uma metodologia de ensino que abordasse e valorizasse a variação linguística, já que a docente disse seguir apenas o Documento *Modular Orientador da EJA do Ensino Médio*, que prioriza o desenvolvimento de habilidades e competências para a conclusão dessa modalidade de ensino, ou seja, habilidades de leitura, escrita e interpretação textual.

Contudo, o ensino da variação linguística é importante para esse público, especialmente para minimizar os efeitos do preconceito linguístico que muitas vezes ocorre na própria sala de aula, conforme apontado pela professora e pelos alunos. Essa lacuna é ainda mais preocupante na EJA, tendo em vista a diversidade de trajetórias e experiências dos alunos, que apresentam em suas falas variações linguísticas e buscam oportunidade de ressignificar sua relação com o conhecimento que já têm de língua e do que é ensinado na escola sobre a Língua Portuguesa.

Dentro dessa perspectiva, é importante que os professores da EJA invistam em formação continuada e adotem uma postura inclusiva e respeitosa em relação à diversidade cultural e linguística presente na sala de aula. Além disso, é necessário investir em uma formação docente específica para atuar na EJA, pois um ensino meramente superficial da gramática normativa não valoriza as diferentes formas de expressão verbal dos alunos.

Também é fundamental que as políticas educacionais levem em consideração a realidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, promovendo um ensino que respeite

as suas particularidades e estimule o desenvolvimento das suas habilidades linguísticas. É preciso, além disso, reconhecer a lacuna presente na *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* e buscar maneiras de incluir os alunos da EJA, elaborando diretrizes específicas que considerem suas características, demandas e experiências. Isso é importante para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes.

Portanto, ressalta-se a urgência da implementação de práticas pedagógicas e políticas governamentais sensíveis às necessidades linguísticas e culturais dos alunos da EJA, valorizando a diversidade linguística. Estes podem ser os primeiros passos para oferecer uma educação verdadeiramente inclusiva, que promova a aprendizagem de todos os estudantes, independentemente da sua origem linguística e idade de conclusão dos estudos.

Em se tratando da pesquisa realizada, esta sinalizou respostas sobre a importância de valorizar as diversas formas de expressão linguística presentes em sala de aula, incentivando a promoção da diversidade e o respeito à individualidade dos alunos. Isso contribuirá para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e enriquecedor para todos os envolvidos. Dessa forma, ratifica-se a importância de aprofundar a abordagem sobre o tema variação linguística para a modalidade de ensino da EJA devido à realidade complexa e merecedora de mais atenção que se encontra ali. Ante o exposto, se faz importante a promoção de uma metodologia de ensino na disciplina de Língua Portuguesa voltada para o público da EJA. Visto que, a pesquisa indica que a abordagem atual do tema variação linguística na turma de Ensino Médio da EJA é inadequada, considerando a falta de integração desta temática no ensino de Língua Portuguesa.

Portanto, pode-se afirmar que o problema da pesquisa foi respondido, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais eficaz da variação linguística na modalidade EJA. Quanto à hipótese, a pesquisa fornece indícios de que a integração de estratégias pedagógicas valorizando a variação linguística pode, de fato, estimular uma maior participação dos alunos e promover um ambiente inclusivo, confirmando assim a hipótese inicialmente proposta.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística** - parte I. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. v. 1.
- ANTUNES, Maria Irandé Costa Morais. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedras no caminho**. São Paulo. 3ª ed. Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002b, p. 134
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola editorial, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2007b.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BEST, J. W. **Como investigar em educación**. 2. ed. Madrid: Morata, 1972.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 13, jul. 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – 3º e 4º ciclos**. Brasília, 1998.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Resolução CNE/CEB nº 4/2010. Brasília: MEC.
- CABRAL, Rosângela Pereira. **O ensino de língua portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA): desafios e possibilidades**. Campo Grande: UFMS, 2012. p. 424-431.
- CAPUCHO, Vera. **Educação de Jovens e Adultos: práticas pedagógicas e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2012.

CESÁRIO, M. M.; VOTRE, S. COSTA, M. A. *In:* MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 141-155.

CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. “**Sociolinguística**”. *In:* Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2009.

CURY, C. R. J. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. São Paulo: Cortez, 2016.

DA EDUCAÇÃO, M. **Documento Base Proeja**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/2/proeja_médio.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3ª edição. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

EISENHARDT, K. M. Building Theories from Case Study Research. **The Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **MOVA, por um Brasil Alfabetizado** – São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008 – (Série Educação de Adultos; 1).

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos: prática e proposta** / Moacir Gadotti – 10. Edd. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

GOMES, Mariele Furtado de Barros. Por que ensinar variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa? **R. Letras, Curitiba**, v. 21, n. 32, p. 145-159, mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

GNERRE, M. **Linguagem, poder e discriminação. Linguagem, Escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas. 1999.

IBGE. Junqueiro. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/junqueiro/panorama>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS: OBJETO E CONCEITOS. **CESAD/UFS**. Disponível em:

<https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/13214528042015Sociolinguistica_Aula_2.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2023.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LABOV, Wilian. **Padrões sociolinguísticos. O estudo da língua em seu contexto social**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAPERUTA-MARTINS, M. PRECONCEITO LINGUÍSTICO: Origem na Sociedade; Término na Escola. **Revista Observatório**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 305–326, 2017. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2017v3n1p305. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2887>>. Acesso em: 07 setembro. 2023.

LLEWELLYN, S.; NORTHCOTT, D. The “singular view” in management case studies qualitative research in organizations and management. **An International Journal**, v. 2, n. 3, p. 194-207, 2007.

MARINHO, Gláucia dos Santos. **Variação linguística na 3ª fase da educação de jovens e adultos: saberes e práticas**. 2019. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs) **Gêneros textuais & ensino – 4ª**. Ed Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

MIRANDA, Gilberto José. **Elaboração e aplicação de questionários**. *In*: NOVA, Silvia Pereira de Castro Casa et al (org.). **Trabalho de Conclusão de Curso: uma abordagem leve, divertida e prática**. São Paulo: Saraiva Educação, 2020. p. 216-229.

MOURÃO, H. **A pedagogia tradicional ontem e hoje**. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-pedagogia-tradicional-ontem-hoje.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MOURÃO, H. **Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo:Contexto, 2003.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Língua Portuguesa**. Vol. 2. Brasília, 1997.

PATTON, M. G. **Qualitative Research and Evaluation Methods**, 3 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.

PPP 2022 eepag final. Disponível em:< <https://www.scribd.com/document/675658934/PPP-2022-EEPAG-FINAL>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

POSSENTI, Sirio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. 19. Reimpressão, 2008. Campinas SP: Mercado de Letras, 1996.ev. 2008.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Loyola, 2002.

RIEGER, M. JESUS, I. A. Educação de Jovens e Adultos: o retorno das mulheres à escola. **Revista Eventos Pedagógicos v.2, n.2, p. 168, Ago./Dez.2011**. Disponível: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/indexphp/eventos/article/viewFile/412/242>>. Acesso em: 16 novembro de 2023.

RODRIGUES, A. A. **Educação de jovens e adultos no Brasil: aspectos históricos, desafios e perspectivas**. *In:* Coleção Política Educacional. São Paulo: Fundação Santillana, 2009.

ROJO, Roxane. MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. Parábola Editorial. 1ª ed. São Paulo, 2012.

SANTOS, J. P. **Educação de Jovens e Adultos: princípios e práticas pedagógicas**. *In:* SANTOS, J. P. Educação e Inclusão: princípios e práticas pedagógicas. São Paulo: Cortez, 2018. p. 25.

SILVA, Patrícia B. da; NASCIMENTO, Elizeu C. do. O ensino de língua portuguesa na educação de jovens e adultos: reflexões sobre as variantes linguísticas. **Revista Educação em Questão, v .52, n. 39, jan./abr. 2015**. Disponível em:< <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/6704>>. Acesso em 04 de setembro de 2023.

SILVA, A. F. Nascimento, M. E. **O ensino de língua portuguesa na Educação de Jovens e Adultos: Reflexões sobre o contexto da diversidade linguística**. Intermédio, (2015). p. 109-127.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no primeiro e segundo graus**. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

TELES, Jaçanan de Souza. **Ensino de língua portuguesa e variação linguística: uma proposta de intervenção com o gênero cordel**. 2017. 137f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - Profletras/CN) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO – PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS *CAMPUS*-ARAPIRACA CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

Estimada professora, você está participando de uma pesquisa sobre a abordagem da variação linguística em sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esta pesquisa tem como informante o professor (a) de uma turma de EJA. Desse modo, peço a sua colaboração no sentido de responder ao questionário abaixo. Você não precisa assiná-lo; assim sendo, sua identidade será preservada. Comprometo-me também em disponibilizar o acesso ao meu Trabalho de Conclusão de curso quando ele for defendido.

Fico-lhe antecipadamente agradecida pela sua valiosa colaboração.

Cordialmente, Elaine da Silva Santos.

Escola: _____

Série(s) em que leciona: _____ Turno: _____ Data: ____/____/____

DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

1. Sexo: F () M ()

2. Cidade em que reside: _____

3. Formação acadêmica: _____

3.1. Ano do término da graduação: _____

3.2. Curso(s) de Pós-graduação

() Aperfeiçoamento () Especialização () Mestrado

3.3. Instituições e ano de conclusão:

4. Há quantos anos você atua como docente de Língua Portuguesa?
5. Você sempre trabalhou com Educação de Jovens e Adultos?
6. Para você, o que é a Educação de Jovens e Adultos?
7. Você recebe alguma formação e/ou algum documento orientador da Secretaria de Educação do Estado que possam contribuir com as aulas de Língua Portuguesa na EJA MODULAR? Justifique.
8. Qual a faixa etária dos seus alunos?
18 a 30 anos () 20 a 40 anos () 30 a 50 anos ()
9. Os seus alunos se interessam pelas aulas de Língua Portuguesa? Justifique.
10. Como tem sido o trabalho com a linguagem na sala da EJA MODULAR? Explique
11. Você tem identificado diversidade linguística na sala de aula onde atua? Explique
12. A propósito, o que você sabe sobre a disciplina sociolinguística?
13. Você considera importante o trabalho voltado às variações linguísticas na sala de aula da EJA MODULAR? Explique
14. Atividades realizadas no sentido apresentado acima podem minimizar o preconceito linguístico na sala de aula?
15. Durante as suas aulas, você já presenciou algum preconceito linguístico entre os alunos?
16. Caso a resposta anterior tenha sido sim, como você faz para reduzir essa prática?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO - APLICADO AOS ALUNOS (AS)

**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS *CAMPUS*-ARAPIRACA CURSO DE
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

Estimado(a) aluno(a), você está participando de uma pesquisa sobre a abordagem da variação linguística em sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esta pesquisa tem como informantes alunos de uma turma de EJA. Desse modo, peço a sua colaboração no sentido de responder ao questionário abaixo. Você não precisa assiná-lo; assim sendo, sua identidade será preservada. Comprometo-me também em disponibilizar o acesso ao meu Trabalho de Conclusão de Curso quando ele for defendido.

Fico-lhe antecipadamente agradecida pela sua valiosa colaboração.

Cordialmente, Elaine da Silva Santos.

DADOS PESSOAIS

Série que estuda: _____ Turno: _____ Data: ____/____/____

1. Sexo: F () M ()

2. Idade:

18 a 30 anos () 20 a 40 anos () 30 a 50 anos ()

Outra idade (especificar) _____

3. Cidade em que reside: -----

4. Para você, é importante estudar Português?

() Sim () Não () Mais ou menos

Justifique: _____

5. Você gosta de estudar português?

() Sim () Não () Mais ou menos

Justifique: _____

6. Você sabe o que significa a expressão “variação linguística”?

() Sim () Não

Se respondeu **SIM**, diga o significado.

7. A professora já falou sobre “variação linguística” durante as aulas de Português?

() Sim () Não

8. Durante as aulas de Português, o professor e/ou algum colega da sala de aula já “corrigiu” a forma como você e também os demais alunos pronunciam e escrevem algumas palavras?

() Sim () Não

9. Para você, o que significa falar/escrever “certo ou errado”?

10. Qual modalidade você acha mais importante estudar nas aulas de Português?

A língua falada ()

A língua escrita ()

Ambas ()

Justifique a sua resposta. _____

11. O que você faria/falaria se um(a) colega dissesse, durante uma aula de Português: -

Professora, é pra responder quais questão?